



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL
CURSO INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS SOCIAIS E
HUMANAS – LICENCIATURA**

DAVID WILLIAN BRANDÃO

**JOGOS COOPERATIVOS COMO ALTERNATIVA PEDAGÓGICA PARA AS
ESCOLAS DO CAMPO**

**LARANJEIRAS DO SUL
2019**

DAVID WILLIAN BRANDÃO

**JOGOS COOPERATIVOS COMO ALTERNATIVA PEDAGÓGICA PARA AS
ESCOLAS DO CAMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal da Fronteira Sul, campus
Laranjeiras do Sul, como requisito necessário para
obtenção do título de graduado em Interdisciplinar
em Educação do Campo: Ciências Sociais e
Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Luiz Zeneratti

**LARANJEIRAS DO SUL
2019**

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Brandão, David Willian
JOGOS COOPERATIVOS COMO ALTERNATIVA PEDAGÓGICA PARA
AS ESCOLAS DO CAMPO / David Willian Brandão. -- 2019.
62 f.:il.

Orientador: Doutor Fábio Luiz Zeneratti.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso
Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais
e Humanas-Licenciatura, Laranjeiras do Sul, PR , 2019.

1. Jogos Cooperativos. 2. Educação. 3. Relações
humanas. 4. Educação do Campo. I. Zeneratti, Fábio Luiz,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL
INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS – LICENCIATURA
BR 158, Km 405, S/N Zona Rural – Laranjeiras do Sul/PR

David Willian Brandão

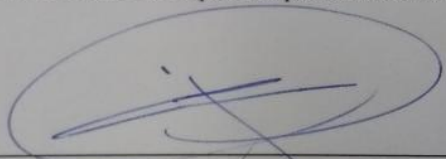
JOGOS COOPERATIVOS COMO ALTERNATIVA PEDAGÓGICA PARA AS ESCOLAS DO CAMPO

Trabalho de Conclusão de Curso, requisito do componente curricular Seminário de Socialização dos Trabalhos de Conclusão de Curso e requisito para a obtenção do grau do curso *Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas – Licenciatura*.

A elaboração deste trabalho teve o Prof. Dr. Fábio Luiz Zeneratti na qualidade de orientador.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em 09 de julho de 2019.

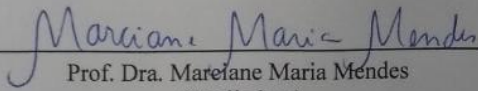
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Fábio Luiz Zeneratti
(Orientador e Presidente da Banca)



Prof. Dr. Joaquim Gonçalves da Costa
(Avaliador)



Prof. Dra. Marefane Maria Mendes
(Avaliadora)

AGRADECIMENTOS

À Clemir Prachedes, mãe, amiga e companheira de uma vida, que em todos os momentos segurou a minha mão me ajudando a superar os desafios e dificuldades impostos pela vida. Sozinha foi pai e mãe ao mesmo tempo, nunca me deixou desistir. Sua energia, caráter e força é o que me move e me faz sentir-se vivo, muito obrigado por acreditar em mim, vendo ser possível embarcar comigo neste desafio. Sem você nada disso seria realidade!

À meu padrasto Adenir Roberto, que mesmo não sendo pai de sangue, foi quem me criou, educou e me transformou no homem que sou hoje, que apesar de todas as dificuldades sofridas sempre esteve ao meu lado e não desistiu de mim, me dando carinho e o genuíno amor que um pai proporciona a um filho.

Aos meus irmãos Adriano e Wesley, os quais alegam a minha vida e que juntos transformam e me fazem compreender o verdadeiro sentido da palavra família.

À Fabio Luiz Zeneratti, pela orientação e confiança, por acreditar no aluno e não deixando-o desistir, ajudando a enfrentar todas as barreiras e limites impostos pela vida acadêmica e pessoal; você foi mais que orientador, foi um exemplo de vida e para a vida.

Aos amigos Maicon e Tiago, que além de grandes profissionais que me ensinaram muito, proporcionando espaços ricos de conhecimento, em vários momentos distante fisicamente a energia das conversas de vocês me encheu de força para prosseguir e finalizar esse trabalho.

Ao NECOOP de Laranjeiras do Sul, em especial a pessoa de Cristina Stummer, que me fez escrever sobre o tema dando o título ao mesmo, e ao Pedro Ivan pessoa indispensável e responsável na construção pessoal do conhecimento acerca do cooperativismo regional e brasileiro.

À Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) que foi minha segunda casa durante todo o período de realização do curso. Em especial aos professores: Roberto, Liria, Elemar e Felipe

Aos Colégios onde a pesquisa foi realizada, Casa Familiar Rural, Colégio Estadual do Campo Tereza Cristina e Colégio Estadual do Campo Agrônomo Hintz, à

comunidade interna e externa.

Por fim, e principalmente, a classe trabalhadora do campo e da cidade aos filhos e filhas do proletariado, que se dedicaram e contribuir no trabalho, sem vocês nada teria sentido.

Ubuntu - Sou Quem Sou Porque Somos Todos Nós.

Stephen Lundin

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo principal apresentar uma modalidade de ensino com base no trabalho cooperativo, para isso os jogos cooperativos foi o instrumento utilizado nos trabalhos de campo. Nesse sentido o cooperativismo se coloca como ferramenta que dá possibilidade concreta de recriar aulas mais atrativas e instigantes aos alunos, contribuindo para a melhoria nas relações pessoais e sociais. A pesquisa foi realizada em escolas do campo da cidade de Cândido de Abreu, Paraná, região Sul do Brasil. A pesquisa tem caráter qualitativo e prático, buscando se fundamentar teoricamente em autores da literatura nacional. Metodologicamente os trabalhos de campo consistiram na aplicação de entrevistas semiestruturadas com os alunos e professores das escolas em estudo, além da observação participante mediada pelas oficinas realizadas. A formação de um sujeito que vise à ajuda mútua e o trabalho em equipe antes da competição se apresentou como uma possibilidade entre os participantes da pesquisa, ainda que para alguns ela seja algo utópico. Sendo assim, continua-se caminhando para o desenvolvimento de novas metodologias e alternativas diferenciadas que proporcionem a formação desses sujeitos, sempre na busca por relações sociais cooperadas, para isso, os jogos cooperativos são essenciais.

Palavras-chave: Jogos Cooperativos. Educação. Relações humanas.

ABSTRACT

This research has as main objective to present a teaching modality based on the cooperative work, for that the cooperative games was the instrument used in the field works. In this sense, cooperativism stands as a tool that gives concrete possibility to recreate more attractive and stimulating classes to students, contributing to the improvement of personal and social relationships. The research was carried out in schools in the city of Cândido de Abreu, Paraná, Southern Brazil. The research has a qualitative and practical character, seeking to be based theoretically on authors national literature. Methodologically the fieldwork consisted in the application of semi-structured interviews with the students and teachers of the schools under study, besides the participant observation mediated by the workshops. The formation of a subject that aims at mutual help and teamwork before the competition has presented itself as a possibility among the participants of the research, although for some it is something utopian. Thus, we continue to develop new methodologies and differentiated alternatives that provide the training of these subjects, always in the search for cooperative social relations, for this, cooperative games are essential.

Keywords: Cooperative Games. Education. Human relations.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Localização do município de Cândido de Abreu, estado do Paraná.....	41
Figura 02: Atividade Colégio Estadual do Campo Tereza Cristina.....	49
Figura 03: Atividade Colégio Estadual do Campo Agrônomo Hintz.....	49
Figura 04: Atividade Casa Familiar Rural.....	49

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. COOPERAÇÃO E EDUCAÇÃO: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E PERPETUAÇÃO.....	14
2.1 Paradigmas de cooperação e competição: experiências cooperativas na educação.....	21
2.2 A educação como práxis transformadora: as contribuições do pensamento marxista.....	26
3. JOGOS COOPERATIVOS E AS ESCOLAS DO CAMPO.....	32
3.1 Entidades Envolvidas: Educação do Campo em construção.....	37
3.2 Cândido de Abreu no contexto da educação: entre a competição e a cooperação.....	40
3.3 Os jogos cooperativos nas Escolas do Campo.....	43
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	56
APÊNDICE I.....	59
APÊNDICE II.....	61

1. INTRODUÇÃO

O processo educativo como conhecemos atualmente é reflexo de vários desdobramentos que se estabelecem a partir da satisfação das necessidades da sociedade. Uma vez que as demandas políticas, sociais e econômicas mudam, a educação se rearranja e se reorganiza passando por um processo de constante construção e reconstrução.

A mesma encontra postulada atualmente na Constituição da República Federativa do Brasil, no Art. 205, da seguinte forma: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Nesse sentido, a importância de discutir acerca do tema e de suas ramificações torna-se imensurável, já que este faz parte de um processo de construção coletiva. Porém, em várias ocasiões a educação é deixada de lado e passa a ser construída e discutida por grupos sociais que por vários motivos tem suas decisões feitas a partir de valores individuais, levando o processo como um todo a uma demagogia que favorece um pequeno grupo de pessoas.

Em uma sociedade moldada por valores altamente competitivos, os quais fazem parte da construção social do sujeito, que tem como objetivo fomentar o sistema econômico vigente, torna-se imprescindível buscar alternativas para que valores como segregação, ética e honestidade individual ou em grupo sejam trabalhados dentro das escolas alinhados com temas de aula. Por isso a necessidade criar aulas atrativas e dinâmicas que seja uma válvula de escape ao modelo educacional tradicional e que promova a capacidade física e mental dos sujeitos que a compõem, contudo, isso pode ser resolvido se a escola se apropriar do seu verdadeiro papel dentro da sociedade, que além de transmitir o conhecimento, deve formar pessoas em seus sentidos mais amplos, tendo em vista desenvolver a capacidade crítica do ser humano para que o mesmo possa intervir na realidade em que está inserido.

No que se refere às escolas do campo, desta forma, uma metodologia diferenciada de trabalho pedagógico pode contribuir para a formação *omnilateral*¹

¹ *Omnilateral* significa todos os lados ou dimensões, no campo educacional prevê a formação completa do sujeito nas suas mais diversas especificidades e âmbitos, estabelecendo um diálogo entre as dimensões objetivas e subjetivas que envolvem a sua vida.

dos sujeitos do campo, e pode se colocar de forma mais efetiva em vários âmbitos nas salas de aula, se distanciando da forma metodológica tradicional de ensino, tendo como base a cooperação que resgata a essência dos valores visando uma formação humana de forma intrínseca.

Os jogos cooperativos, portanto, surgem como uma alternativa metodológica a ser utilizadas nessas escolas e se caracterizam por serem *dinâmicas em grupos* que têm por objetivo despertar a consciência de cooperação e promover efetivamente a ajuda entre as pessoas, buscando fazer uma inter-relação entre a teoria e a prática dentro do jogo, assim desenvolvendo de forma mais abrangente a capacidade intelectual, física e fomentando a cooperação entre os sujeitos.

Neste sentido, os educandos aprendem a considerar o outro que joga como um parceiro, olham um ao outro como elemento e peça fundamental para a conclusão qualitativa do processo e não como adversário, desenvolvendo valores que fomentam o respeito, a coletividade e a empatia, estes que raramente são estimulados na sociedade capitalista, onde prevalece a competição.

A intenção aqui é propor uma pequena mudança no formato padrão das aulas. Trabalhar a formação utilizando metodologias diferenciadas de ensino, como os jogos cooperativos. Estes se colocam como uma ferramenta de transformação e formação do sujeito para agir dentro da sociedade.

As principais dificuldades de se incorporar valores e princípios cooperativos nos indivíduos estão relacionados ao meio e ao grupo social que ele vive, o grupo social ajuda na construção do sujeito. Aqui o foco é a escola que deposita diariamente uma imensa carga de informações e molda as pessoas, sendo ela formadora de opiniões e atos.

O que é necessário ressaltar é que os indivíduos mesmo inseridos em uma sociedade capitalista, onde prevalece o individual, a maioria das pessoas praticam atos de cooperação diariamente, porém, não os nomenclatura e nem conseguem distinguir entre atividades cooperativas ou competitivas.

Deste modo, coloca-se a necessidade da discussão sobre o tema nas escolas, assim como, a inserção de dinâmicas cooperativas. As dinâmicas facilitam a compreensão de alguns temas e consegue fazer uma inter-relação entre a teoria e a prática. Aqui está o objetivo desta pesquisa, que de forma mais clara, busca compreender como os jogos cooperativos podem contribuir para o processo pedagógico e formativo nas escolas do campo.

Para atingir tal objetivo se utilizou da pesquisa participativa, onde o pesquisador inserido no processo busca compreender as dinâmicas do problema investigado. A metodologia proposta significou a observação, a aplicação de entrevistas semiestruturadas e a realização de oficinas em três escolas do campo, sendo elas: Casa Familiar Rural; Colégio Estadual do Campo Tereza Cristina Ensino Fundamental e Médio (E.F.M.); e o Colégio Estadual do Campo Agrônomo Hintz Ensino Fundamental e Médio (E.F.M.).

2. COOPERAÇÃO E EDUCAÇÃO: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E PERPETUAÇÃO

Antes de nos colocarmos diante dos jogos cooperativos em meio ao modelo educacional como alternativa pedagógica, torna-se preponderante discutir acerca das diferenças entre cooperação e competição e como os mesmos se acentuam no cotidiano.

Desta forma, cabe destacar que antes do desenvolvimento do cooperativismo moderno tal qual conhecemos hoje, nota-se o surgimento do associativismo, um fenômeno mais antigo e abrangente. O associativismo pode ser considerado como um movimento de união que se torna base para o cooperativismo. Conforme pontua Andrioli (2007, p. 34):

O associativismo é mais amplo do que o cooperativismo, pois contempla além da economia, também a organização em torno de questões sociais, políticas, culturais, religiosas, esportivas e de lazer, em função de sua amplitude, o associativismo é bem antigo, tendo seus primeiros registros nas primeiras formas de civilização humana, com as práticas de mutirão e parceria.

Historicamente o associativismo coloca-se como um movimento de organização social que pode ser encontrado nas civilizações pré-históricas, em suas diversas práticas coletivas diárias, dentro da incessante busca por alternativas de sobrevivência. Já o cooperativismo pode ser considerado um movimento da contemporaneidade que se caracteriza pela sua inserção no modelo econômico vigente, a semelhança no modo com que as pessoas recorrem ao associativismo e ao cooperativismo indica que os dois sejam o mesmo processo, porém, eles são diferentes.

Em princípio, a cooperação pode ser entendida como uma ação consciente e combinada entre os indivíduos ou grupos associativos com vista a um determinado fim. A cooperação pode ser definida como um processo social, embasado em relações associativas, na interação humana, pela qual um grupo de pessoas busca encontrar respostas e soluções para seus problemas comuns, realizar objetivos comuns, busca produzir resultados, através de empreendimentos coletivos com interesses comuns. Organizações cooperativas são empreendimentos dessa natureza (FRANTZ, 20017, p. 20).

Para entender o cooperativismo volta-se a origem da palavra, etimologicamente: cooperação (do verbo latino *cooperari*, de *cum* e *operari* = operar

juntamente com alguém) significa a prestação de auxílio para um fim comum.

O cooperativismo surge como um fenômeno econômico alternativo ao modelo capitalista de produção, principalmente após a Revolução Industrial no século XIX. O cooperativismo moderno, ou seja, o modelo que conhecemos atualmente (ZENERATTI, 2018), se difunde dentro do capitalismo e carrega resquícios do mesmo, quando se estabelece nas estruturas econômicas e sociais. As três grandes revoluções industriais: manufatura, maquinofatura e revolução tecnológica ou científica; tem papel preponderante no surgimento do cooperativismo, pois estas foram moldando e afinando as relações entre indivíduos e mercado.

Movimentos anteriores ao que conhecemos de cooperação hoje, surgiram no antigo Egito, em Roma e na América Latina muito antes do século XIX, pouco mencionados, porém, importantes por se caracterizarem sendo processos de construção conjunta e por se tratarem de uma forma de vida de unidades comuns embasados em laços de sangue, princípios e valores adotados pelas etnias indígenas, conforme coloca Zeneratti (2018) amparado em Rech (2000):

A despeito da envergadura que essa proposta de cooperativismo assumiu, cabe ressaltar a existência de mobilizações anteriores em busca do mesmo fim ainda no modo de produção escravista e comunal, respectivamente. Segundo Rech (2000), organizações semelhantes às cooperativas surgiram muito antes do século XIX, como os Grêmios no antigo Egito, que reuniam trabalhadores escravos, e os Colégios romanos, que eram compostos por serralheiros e carpinteiros. Na América os Incas e os Astecas também empreenderam estratégias semelhantes, os primeiros com os Ayllus, unidade comum baseada em laços de sangue e trabalho comunitário, os segundos com os Calpulli, voltados para atividades agrícolas coletivas (ZENERATTI, 2018, p. 26).

A organização dos pioneiros de Rochdale, em Manchester na Inglaterra, em 1844 se coloca como marco em relação ao desenvolvimento do cooperativismo em todo o mundo, esse que pode ser considerado o primeiro modelo de organização cooperativa moderno, e que, segundo PINHO (1966) é uma das experiências mais significativas de cooperativismo.

Diante do avanço das indústrias e das máquinas, pós revolução industrial, a necessidade de mão de obra diminui em todo o mundo, provocando altos índices de desemprego no período, sendo assim, muitas pessoas ficaram sem trabalho, chegando a passar fome, ou, eram extremamente exploradas no trabalho, foi quando 28 tecelões, de Rochdale, se unem para adquirir alimento e produzirem de

forma conjunta dividindo despesas e rendimentos, desenvolvendo assim um movimento a parte na economia capitalista tradicional.

[...] os trabalhadores tinham como pano de fundo o enfrentamento aos desdobramentos da Revolução Industrial, caracterizada pelo desenvolvimento da indústria e pela consolidação da classe operária, não raro submetida a extensas jornadas de trabalho, exploração do trabalho infantil e baixos salários; como mecanismo de atenuação dessas relações formaram uma cooperativa de consumo, basicamente um armazém, com a finalidade de fornecer aos associados gêneros alimentícios dos quais necessitavam. (ZENERATTI, 2018, p. 26).

Já no Brasil as primeiras experiências cooperativas surgem no final do século XIX. Entre as cooperativas fundadas neste momento cabe destacar: a Associação Cooperativa dos Empregados da Companhia Telefônica, criada em Limeira, São Paulo, em 1891; a Cooperativa Militar de Consumo, no Rio de Janeiro, fundada em 1894; a Cooperativa de Consumo de Camaragibe, em Pernambuco, criada em 1895; e a Cooperativa dos Empregados da Companhia Paulista, criada em Campinas, São Paulo, em 1897 (PINHO, 1966, p. 76).

Anos mais tarde, já no século XX, por mais que de forma desigual entre os estados do Brasil, o cooperativismo deu um salto significativo, pois esta passa a ser amparado pelo poder público, em primeiro lugar, e, em segundo lugar, pela promulgação da lei básica do cooperativismo brasileiro, como destaca Pinho:

Foi somente a partir de 1932, entretanto, que se verificou um surto relativamente apreciável do cooperativismo em nosso país devido principalmente a dois fatores: em primeiro lugar, o Poder Público viu nas cooperativas uma das mais eficientes soluções para os graves problemas resultantes da conjuntura econômica mundial (e oriundos, sobretudo, da Primeira Grande Guerra e da crise de 1929) e de nossa própria estrutura econômica, tão fragilmente assentada sobre a monocultura extensiva e enfrentando graves crises do café; em segundo lugar, a promulgação da lei básica do cooperativismo brasileiro, com o Decreto n.º 22.239, de 19 de dezembro de 1932, desfez as confusões até então frequentes entre cooperativas e outras sociedades, em virtude da incorporação de vagos e imprecisos artigos sobre o cooperativismo em decretos sobre outros assuntos (PINHO, 1966, p. 76).

Outra experiência que se coloca de forma marcante com relação ao cooperativismo é encontrada na colônia de Tereza Cristina, no estado do Paraná. Esta colônia é considerada o 1º Distrito do Paraná e o 3º do País, fundada por Jean Maurice Faivre em 1846, um médico Francês que trabalhava na Corte da monarquia

de Dom Pedro II. Vindo da França que passava por um período pós-segunda guerra mundial e de revolução industrial, o médico teve fortes influências de ideias socialistas que estavam se alastrando na época e dos pioneiros de Rochdale para implantar no Brasil uma comunidade agrícola onde a base da sobrevivência fosse a troca, sem nenhum fim lucrativo, um meio de viver com qualidade, sendo ainda utópico para a época. O médico Francês propunha um modelo de sociedade igualitária, sem competição e individualismo.

Trabalho em comunidade; aspiração apenas do necessário desde que excelente e confortável, porque aquilo que mais se quer não se terá jamais o bastante - *il manquera toujours une pierre au monceau de celui qui entasse*; doação do que sobrasse aos pobres e sofredores; anátema a todos os meios de exploração do ser humano, por causa da miséria, da ignorância, do estado servil. Trabalho sempre solidário e fraterno, porque os bens materiais, como a terra, por si só, nada valiam (FERNANDES, 2006, p. 100).

A colônia de Tereza Cristina funciona por 11 anos trabalhado de forma cooperativa, tendo como base a ajuda mútua, o trabalho em conjunto foi se construindo diferentemente das demais províncias do Brasil. Porém, com a morte de Jean Maurice Faivre em 1858, o engenheiro Gustavo Rumbelsperger assume a liderança da comunidade e começa a enterrar os sonhos de Faivre, seguindo outro modelo organizacional a comunidade se esfacela 10 anos depois. Atualmente a comunidade se encontra abandonada por autoridades governamentais, perdendo o modelo de cooperação extraordinário que Faivre sonhava para a comunidade, segundo Westphal (2016, p 01):

Plantada no mesmo lugar escolhido por Faivre, esquecida pelas autoridades governamentais e praticamente isolada do resto do mundo, Tereza Cristina nem sempre tem o devido reconhecimento que merece, mas sua rica história por si só já diz tudo a quem quiser diminuí-la.

As propostas de experiências realizadas buscam se tornar uma válvula de escape à exploração do trabalho pelo capital, é notório que a cooperação se constrói a partir da tentativa de minimizar a exploração do modo de produção capitalista. Para isso, usa ferramentas que a contrapõe, com o passar dos anos a mesma toma proporções significativas no mundo todo, como uma alternativa à hegemonia do sistema econômico capitalista, porém, em vários casos perde sua identidade cooperativa devido a influências externas. Trata-se de uma disputa de modelos

econômicos e sociais, onde se chocam os princípios cooperativos e os princípios competitivos, tipos da sociedade capitalista. No cotidiano isso se manifesta pela prerrogativa do trabalho individual, onde para ter algo é preciso vencer sozinho, negando a importância de trabalhar em conjunto para todos alcancem seus objetivos.

Isso não acontece de forma despreziosa, é evidente que o avanço da cooperação incomoda, até porque, como destaca Rech (2000) para alguns de seus idealizadores o cooperativismo poderia ser um caminho de transformação social, de superação do modo de produção capitalista, levando a sociedade a outros rumos, no qual a cooperação substituiria a competição e busca por lucros.

Tendo em vista a transformação social como uma das bases do cooperativismo, assim como, o choque entre racionalidades entre a competição e a cooperação, se faz necessário analisar como a educação se estabelece neste processo, no qual o Estado é um dos principais agentes. Para isso, torna-se necessário abordar o processo de construção histórica da educação, sendo preponderante compreender como a mesma se estabelece e se concretiza dentro dos diferentes modelos de organização social e gestão política e econômica. A educação perpassa o tempo e a história se construindo como responsabilidade de todos e se estabilizando como mecanismo de troca de saberes e experiências as quais formam opiniões e moldam sujeitos dentro da sociedade.

O processo de ensino e transmissão de conhecimento vem sendo realizado informalmente muito antes do processo formal de educação. A família nas suas mais diferentes configurações é o primeiro espaço de aprendizagem da criança, pois ao nascer ela já está incluída em um processo formativo que se concretiza de acordo com valores e princípios da família que a tem e que compõe um determinado grupo social.

Na pré-história, há aproximadamente 600.000 anos a.C no período paleolítico, os clãs já se organizavam para a caça e coleta, portanto, desenvolvendo alternativas de sobrevivência por meio do trabalho cooperativo, os quais eram passadas para aos mais jovens (VIRTUOUS, 2008).

A educação dos jovens, nesta fase, torna-se o instrumento central para a sobrevivência do grupo e a atividade fundamental para realizar a transmissão e o desenvolvimento da cultura. [...] o homem primitivo, que através da imitação, ensina ou aprende o uso das armas, a caça e a colheita, o uso da linguagem, o culto dos mortos,

as técnicas de transformação e domínio do meio ambiente (VIRTUOUS, 2008, p.01).

Atualmente o mesmo processo ocorre de forma similar dentro da organização familiar, pois nos primeiros dias de vida de uma criança as pessoas que o cercam ensinam e orientam a mesma a despertar sentidos, anos mais tarde instruem os jovens a tomar certas decisões passando de forma direta e indireta dentro do próprio meio um conjunto de conhecimento genuíno, estes que são necessários para o desenvolvimento de mecanismos para sobrevivência e vivência dentro da sociedade.

Logo após o período paleolítico, vem o período neolítico, cerca de 4.000 anos a.C, começa-se a modernizar a confecção de ferramentas, roupas e utensílios, dando espaço para surgir uma nova organização de trabalho que também se torna um processo de transformação na forma de se ensinar, segundo Virtuous (2008, p. 01):

A revolução neolítica é também uma revolução educativa: fixa uma divisão educativa paralela à divisão do trabalho (entre homem e mulher, entre especialistas do sagrado e da defesa e grupos de produtores); fixa o papel-chave da família na reprodução das infraestruturas culturais: papel sexual, papéis sociais, competências elementares, introjeção da autoridade; produz o incremento dos locais de aprendizagem e de adestramento específicos (nas diversas oficinas artesanais ou algo semelhante; nos campos; no adestramento; nos rituais; na arte) [...].

Como podemos ver antes mesmo da consolidação de certo tipo de organização social, política e econômica, a educação se materializa de forma instintiva. Contudo, já começa a aparecer uma forma de desigualdade, entre o lugar de ensinar e dos que ensinam e o lugar de aprender e dos que aprendem.

Esta característica toma contornos bem definidos nas escolas de Esparta, na Grécia antiga, 1.000 anos a.C, onde o estigma entre dominante e dominado se torna real e o Estado passa a ter papel destacado na formação das pessoas. O modelo educacional deste período buscava formar soldados para proteger e defender o Estado, isso pode ser observado nos poemas *Iliada* e *Odisseia* do poeta Homero, que denotam a figura do soldado de guerra como o ápice de arquétipo humano na antiguidade. Assim como narra o historiador Werner Jaeger, Esparta pode ser considerada a mãe da educação estatal na história (JAEGER, 1995).

Entretanto, é somente na sociedade capitalista, especialmente a partir do século XIII, que a educação vai assumir outros contornos, nos quais essa desigualdade será ainda mais visível. Sob o modo de produção capitalista a educação é construída histórica e socialmente visando favorecer os interesses da classe dominante, ou seja, da burguesia, a mesma é negada para a classe mais pobre e quando é cedida se torna um meio de manipulação da massa. A educação é uma das formas de atingir toda a massa de trabalhadores, a escola passa a ser um importante instrumento de dispersão da ideologia burguesa e formação de mão de obra qualificada para atender aos interesses dominantes.

Como se pode notar, desde a antiguidade a formação teve um viés de construção de uma forma hierárquica e desigual, separando e dividindo as pessoas e as classes sociais, a criação e formação de estereótipos, faz com que a classe oprimida fique em uma busca constante pela perfeição, buscando individualmente seu lugar na sociedade.

O engendramento da ideologia dominante no processo educacional leva a construção de uma cultura de valores altamente competitivos, deixando de lado a essência de cooperação, trabalho em conjunto e ajuda mútua entre as pessoas.

Mas, há na história da humanidade casos que servem de contraponto a esse modelo educacional, ademais apontam para a possibilidade de conquista de novos modelos de sociedade. Portanto, torna-se necessário elucidar a formação do homem, na Grécia antiga, no sistema educacional Paidéia, o qual consistia na busca de valores da essência da vida humana e a conexão do corpo e da mente, tornando-se um ser melhor de si mesmo. Segundo Werner Jaeger, a Paidéia consiste na procura de sua Aretê², ou seja, aquilo que você tem de melhor, não para ser melhor no viés de competição, mas sim para se tornar um ser melhor em âmbito sociável (JAEGER, 1995).

Com isso podemos identificar o antagonismo entre duas vertentes educacionais, de um lado, um processo educacional transversal defendido por uma minoria, mas aceito pela maioria, o qual reforça a manutenção e a criação de valores competitivos que favorecem a manipulação da massa que se perde em discussões pequenas do cotidiano e não sente as correntes que o prendem, e por outro lado, um processo educacional coletivo construído de baixo para cima que reforça o

² Aretê corresponde à virtude do ser humano ou aquilo que a de melhor na sua essência.

sentimento cooperativista, da valorização da pessoa, esse que por sua vez é defendido pela minoria, pois ao se naturalizar a competição dentro de todos os processos a cooperação também sofre duros golpes e encontra barreiras para seu desenvolvimento, o que não significa que ela não seja uma alternativa para a construção de uma nova sociedade, como desejavam seus idealizadores, mais justa e igualitária, bem como destaca Rech (2000).

2.1 Paradigmas de cooperação e competição: experiências cooperativas na educação

Em um período de construção social histórica, em que os valores humanos são sobrepostos e comandados por questões econômicas, se faz imperativo analisar uma alternativa de trabalho dentro e fora das escolas, sendo assim torna-se necessário fazer um resgate histórico de transmissão de conhecimento humano que nas condições do sistema capitalista formata a pessoa em um competidor por espaço, por poder e acima de tudo por dinheiro.

Desta forma coloca-se que o ser humano é como uma folha em branco, o qual mesmo ainda na forma de feto já interage com o mundo ao seu redor, sofrendo uma carga de influência social, ao seu nascimento a tendência é que imite as pessoas mais próximas, pessoas que em vários casos estão imbuídas de valores individuais dos grupos dos quais pertence, criando, moldando e alterando as condições psíquica, física e social uma das outras. Segundo Simula (2017) com leitura em Jean Jacques Rousseau, o ser humano é corrompido socialmente e ao passar do tempo corrompe outras pessoas em suas mais diversas dimensões.

Jean-Jacques Rousseau (filósofo francês, 1712-1778) acreditava que a pessoa nascia boa e era corrompida pela sociedade. Isto implica que nossa constituição física e psicológica está em permanente transformação. Apesar disso, todos nós temos, de alguma maneira, consciência da verdade, da ética universal. De acordo com Rousseau, a sociedade injusta é o fator mais importante que faz com que nos tornemos desvirtuados ou desequilibrados em nosso ser. (SIMULA, 2017, p.37).

Neste sentido, pondera-se que a sociedade está calcada e ancorada em valores individuais, onde as pessoas não se colocam no lugar da outra, pois se tem a necessidade de manter a atual estrutura social, pretende forjar sujeitos para

repetirem a manutenção do modo de produção capitalista. Sendo assim, em meio a uma estrutura econômica desigual, buscam-se alternativas de tentar fortalecer valores e acentuar uma sociedade que permeia a sua vivência com base no respeito e na igualdade.

Assim, a cooperação, se estabelece dentro deste sistema, como um processo social, vista como alternativa a preponderância do capitalismo e deve ser trabalhada como escolha pedagógica dentro das escolas, tendo em vista a construção social do sujeito e as influências que uma pessoa exerce sobre as outras na mesma estrutura.

Cabe então a seguinte questão: por onde começar? Já que somos bombardeados de ideias e informações que norteiam as nossas tomadas de decisões e definem valores a vida? A resposta está na educação, as crianças entram na escola no Brasil obrigatoriamente aos 4 anos de idade e só saem após concluir o ensino médio com em média 17 anos de idade, alguns ingressam em no ensino superior, com média de duração de 5 anos, e depois, podem seguir para especializações, mestrados, doutorados e pós-doutorados, elevando o tempo que passam pelas instituições de ensino, que se colocam como formadoras das pessoas.

A educação se caracteriza como um processo complexo de construção do sujeito em diferentes perspectivas da existência humana, a mesma pode ser compreendida de várias formas e analisadas de diferentes pontos de vista. Ela tem papel fundamental na construção social dos sujeitos, pois através da mesma o indivíduo se constrói e se desenvolve. Para Paulo Freire, segundo afirma Zitkoski (2006, 28), “[...] deve ser trabalhada intencionalmente para humanizar o mundo por meio de uma formação cultural e da práxis transformadora de todos os cidadãos sujeitos da sua história [...]”.

Assim, ela se constitui como um processo de humanização, o qual se modifica na busca da tentativa de compreensão do ser humano. Essa forma educacional de formação humana que Freire propõe, não é unilateral, ela se coloca para formar o sujeito nas suas mais diversas dificuldades, se constituindo como um processo dialético onde professor e aluno estão trabalhando juntamente para a construção de um conhecimento intrínseco que venha da essência do ser humano, mas esse conhecimento para o autor só pode ser adquirido de forma prática, “[...] a educação, não importando o grau em que se dá, é sempre uma certa teoria do

conhecimento que se põe em prática” (FREIRE, 1992, p. 95).

Para trabalhar a prática pedagógica cooperativa dentro da escola, primeiramente se faz necessário um resgate de valores e princípios humanos dos professores, um valor de empatia e de saber se colocar no lugar do outro para trabalhar com e não para o outro, aproximar as relações entre educandos e educadores e construir algo em conjunto. Com relação a prática pedagógica Freire pontua:

[...] não é possível ao (à) educador (a) desconhecer, subestimar ou negar os saberes de experiência feitos com que os educandos chegam à escola. [...] partir do saber que os educandos tenham não significa ficar girando em torno deste saber. [...] partir do “saber de experiência feito” para superá-lo não é ficar nele (FREIRE, 1992, p. 59; 70-71).

O ato de educar não se resume a ensinar o aluno a fazer algo, é necessário formar o educando para que ele intervenha na sociedade de forma crítica e não fique acomodado dentro desta realidade. Atualmente a cooperação causa estranhamento, pois se é educado para competir, porém, se a escola se apoderar de práticas cooperativas, a mesma pode contribuir para formação de sujeitos cooperativos, a escola sozinha não conseguirá transformar a sociedade, mas certamente a transformação da sociedade passa pela escola.

A dinâmica de jogos cooperativos dentro das escolas vem para ajudar nesta formação por completa do ser humano, principalmente da classe trabalhadora, a qual lhe foi negada a educação por um longo processo de construção histórica. Para entendermos melhor a cooperação e seus desdobramentos dentro do sistema educacional, é necessário entender o sentido pedagógico que as atividades cooperativas desenvolvem e o rumo que eles tomam dentro da educação.

Experiências de ensino cooperativo no ambiente escolar como o “Programa de Cooperativismo nas Escolas” (PCE) desenvolvido no Rio Grande do Sul, já nos anos 90, coloca-se como importante ponto de partida para a análise. O papel do PCE é atuar na educação como ferramenta pedagógica, contribuiu na leitura e compreensão da educação e da lógica fragmentada de conhecimento, se preocupando com a ação dos estudantes e educadores na sociedade.

O PCE - Programa de Cooperativismo nas Escolas - que vem sendo desenvolvido, já há alguns anos, em escolas de municípios da

Região Fronteira Noroeste do Rio Grande do Sul, desenvolve-se no espaço da relação educação-cooperação, estimulando a educação cooperativa. Ao estimular ou levar práticas cooperativas para dentro da escola, busca criar uma nova “base pedagógica” no espaço formal e intencional da educação, da aprendizagem que ali se processa. Em consequência, produz uma “intervenção na política” do processo educativo, isto é, no “espaço pedagógico” das práticas educativas escolares. Promove condições para práticas educativas com uma nova dimensão pedagógica nos espaços da escola, através do incentivo e fomento de práticas cooperativas. Propõe a cooperação como princípio e sua prática como fundamento da educação. (Frantz, 2001, p. 242).

Os estudos com base na educação tradicional apresentados hoje por mais que sejam bem-intencionados, colocam pouquíssimas propostas concretas sob a construção de uma escola transformadora da sociedade e da democracia. Já o PCE fazendo essa leitura dentro do seu delimitado espaço de ação, elenca características comuns a essas escolas tradicionais:

a) tendência reprodutivista de conteúdos; b) não há formação para uma participação ativa na sociedade; c) ensino longe da realidade; d) reforço ao êxodo (preparação para centros urbanos); e) pouca participação ativa de alunos com o processo educativo; f) falta de preparação para o trabalho coletivo (existência de valores individualistas); g) cultura de competição entre alunos e, inclusive professores (trabalho isolado); h) necessidade de ruptura do atual modelo (ANDRIOLI, 2007, p.111).

O PCE procura fomentar o trabalho cooperativo, com o intuito de buscar uma nova base pedagógica dentro dos espaços formais de educação, o qual é responsável por produzir indivíduos que consigam intervir na sua realidade e em defesa de um cooperativismo ideal, de antemão se vê envolto em uma alta dose de utopia, entretanto, mesmo assim, apresenta objetivos e valores que contrapõe a lógica de funcionamento das escolas tradicionais, tanto no campo quanto na cidade.

A cooperação será interpretada como teoria revolucionária, conforme menciona Andrioli (2007, p.114). O PCE apresenta os seguintes objetivos:

a) contribuir para a formação de uma “consciência associativa” entre a nossa população, especialmente jovens, no sentido de uma participação ativa e consciente; b) formar quadros e lideranças para o aproveitamento criativo de todo o potencial que o associativismo e a cooperação podem oferecer em termos de democratização da nossa sociedade e busca de maior igualdade e justiça social; c) incentivar a escola no processo de adequação ao ensino à realidade do educando, possibilitando uma educação mais integral, que visa a pretensão do aluno como membro atuante e transformador da

sociedade; d) contribuir para o desenvolvimento e avanço das experiências cooperativas e associativas já existentes (ANDRIOLI, 2007, p. 114).

Seguindo a mesma lógica do PCE, outras iniciativas já estão sendo tomadas para trabalhar a cooperação dentro das escolas, um dos exemplos é a experiência realizada pelo Núcleo de Estudos em Cooperação (NECOOP), da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), no estado do Paraná. Que visa a realização de projetos que tenham um caráter formativo e de extensão da universidade, sendo assim, o NECOOP contribui para a criação de materiais, livros, artigos, jogos e brincadeiras lúdicas para desenvolver atividades dentro das escolas da região Centro-Sul do Paraná.

As atividades de jogos cooperativos são realizadas pelo grupo de jogos do Núcleo, que realiza oficinas e palestras sobre o assunto na região.

O NECOOP surgiu em 2012, na Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Campus Laranjeiras do Sul - PR, com o intuito de desenvolver atividades ligadas ao Ensino, Pesquisa e Extensão, promovendo a Cooperação, Economia Solidária e Desenvolvimento como elementos indissociáveis de uma universidade comprometida com a transformação social. Tendo como um dos objetivos o fortalecimento e apoio das diversas dimensões ligadas à economia solidária e cooperativismo popular, considerando como uma estratégia importante para a superação das vulnerabilidades regionais e promoção do desenvolvimento. Mas está atuante também nos campus de Chapecó - SC e Cerro Largo - RS. Atualmente, junto com docentes e discentes dos cursos de Agronomia, Ciências Econômicas, Engenharia de Alimentos e Interdisciplinar em Educação no Campo, e também do mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural, da Universidade, tem-se a busca constante pelo desenvolvimento de onde estamos inseridos (Território da Cidadania da Cantuquiriguaçu - PR), através de práticas solidárias (NECOOP, 2016, p.01).

A partir destas propostas e iniciativas, as quais já estão em andamento reforça-se a ideia de que é possível trabalhar de forma diferente no ambiente escolar e que cooperar é só uma questão de começar; e para mudar a estrutura imposta é necessário começar pela educação. Para a formação humana integral é necessário mais do que formar ou transmitir um conhecimento pronto, é necessário humanizar. A educação é o processo de formação o qual é capaz de mudar as pessoas, cabendo às pessoas mudarem a realidade imposta.

2.2. A educação como práxis transformadora: as contribuições do pensamento marxista

A educação em seu sentido mais amplo e tradicionalmente aceito, constitui-se como o ato de transferir conhecimentos e um conjunto de valores sociais. Tornou-se dentro do processo evolutivo do modo capitalista de produção uma forte ferramenta do Estado para a manipulação e formação unilateral da massa de trabalhadores, a qual por sua vez traz arraigada em si valores que naturalizam a exploração a qual estão submetidos.

Cabe às instituições educativas realizar tal trabalho, atendendo assim aos interesses da classe burguesa, neste sentido, a formação da classe trabalhadora é voltada única e exclusivamente ao modelo fabril, pois o intuito é formar mão de obra barata para o mercado de trabalho e não sujeitos críticos que se coloquem criticamente na sociedade.

Amparando-se na teoria Marxista, compreendendo os problemas criados pelo modo capitalista de produção, vigente no século XIX onde ocorria o ápice da Revolução Industrial, começam a surgir questões que passam a definir a vivência em sociedade e a concretização principalmente da economia e da política no mundo. A teoria apresentada se embasa a partir das ideias do filósofo alemão Karl Marx, onde se apresenta a correlação de poder entre as classes sociais conhecidas como Burguesa e Proletariado.

Visualizando o cenário o qual se opunha hierarquicamente na sociedade, desequilibrando as forças e consolidando a massa com falsas propostas de melhoria, Marx passa a criticar o sistema capitalista e a sua hegemonia, principal causador da desigualdade social e a devastação de muitos proletários, deixando-a nítida para a burguesia e vedando os olhos do proletariado. Sendo assim, a análise apresenta uma visão de grande relevância devido da teoria socialista, a mesma transpassa a obra de Marx feita em parceria com Frederich Engels, e passa a se tornar uma referência para a classe trabalhadora, que começa a se colocar como agente de mudança e construtor da sociedade, não sendo apenas objeto dela.

Na obra “o manifesto do partido comunista” é abordado a temática que dá suporte a revolução socialista, a qual extingue a propriedade privada, tomando posse do poder e fazendo uma divisão igualitária dos meios de produção.

São apenas expressões gerais de relações efetivas de uma luta de classes que existe, de um movimento histórico que se processa diante dos nossos olhos. A abolição de relações de propriedade até aqui não é nada de peculiarmente característico do comunismo. Todas as relações de propriedade estiveram submetidas a uma constante mudança histórica, a uma constante transformação histórica (MARX; ENGELS, 1997, p. 43).

É imprescindível destacar aqui que a desigualdade social tem um profundo enraizamento a partir do momento em que a primeira pessoa cercou um pedaço de terra e disse: “isso é meu”; a partir desta colocação de poder tornando um pedaço de terra privado, as relações de produção tomam caráter particular e privado. Desde então todas as coisas tornam-se privadas e seus proprietários, aqueles que detêm de poder monetário superior aos demais, passam a controlar a propriedade privada.

Ao se acentuar o processo de luta de classes se prepondera que sempre vai existir uma classe que vai oprimir a outra, criando uma relação desigual entre os trabalhadores e os detentores do capital: a burguesia; com isso a necessidade de transformação é latente, mas utópica³, sendo preciso sair da teoria para a prática e da prática para a teoria como forma de alcançá-la.

Com isso é necessário colocar o conceito de Práxis que representa um elemento central da filosofia marxista, já que, ressalta o poder e o papel que o homem tem de transformar o ambiente externo, tanto natural quanto social. Para Suchecki e Brandão (2018), Marx define a práxis, primeiramente, como atividade prático-crítica, sendo a atividade humana por meio da qual se busca resolver a realidade concebida subjetivamente.

Segundo Norberto Bobbio (1992, p. 987-988):

Práxis é a identificação da mudança ambiental com a atividade humana, ela surge como autotransformação ou como atividade que se modifica a si mesma ao modificar o ambiente. A terceira tese de Feuerbach oferece a este respeito algumas indicações claras: é verdade que os homens são condicionados pelo ambiente e pela educação, mas também é verdade que são justamente eles que modificam as próprias condições ambientais.

Tendo em vista que a práxis ressalta a importância da participação dos indivíduos para a transformação da realidade a qual estão inseridos, torna-se primordial fazer o uso da mesma para mudar o estigma de trabalho de educação

³ A utopia aqui é entendida como algo a ser construído, alcançado.

tradicional imposta. A práxis na sua forma se desenha como uma raiz axial a qual possui uma base mãe e que vai ao fundo, o máximo que puder, e envolta destas outras ramificações emergem, ao se aprofundar teoricamente a práxis desenvolve soluções de problemas e outros problemas que vão ocasionar soluções de problemas e outros problemas. Ancorado teoricamente nesta mesma ideologia, que deixou marcas, busca-se abordar a seguir as contribuições dos marxistas para a educação.

Ao formular uma das mais importantes correntes de pensamento Marx e Engels ajudam a construir a história da educação, estes autores não escrevem de forma direta sobre a educação, suas preocupações estavam ligadas com relações socioeconômicas e políticas, porém, ao escreverem sobre a estrutura econômica do momento em que viviam e sobre o modo com que a sociedade se organizava e comportava, os mesmos dão passos importantes para se pensar sobre participação da classe trabalhadora dentro da educação, a partir desta perspectiva um novo viés se desenvolve, uma forma diferente de se educar se desenha, colocando-se frente a frente com o modelo tradicional de educação.

Portanto, a educação vista por Karl Marx é algo indissociado da sociedade e construído por ela.

Dizeis também que destruímos os vínculos mais íntimos, substituindo a educação doméstica pela educação social. E vossa educação não é também determinada pela sociedade, pelas condições sociais em que educais vossos filhos, pela intervenção direta ou indireta da sociedade por meio de vossas escolas, etc. Os comunistas não inventaram essa intromissão da sociedade na educação, apenas mudam seu caráter e arrancam a educação à influência da classe dominante (MARX; ENGEL, 1997, p. 11).

No trecho acima Marx e Engels deixam bem claro seu posicionamento sobre a educação, colocando a necessidade de destruir os vínculos com a classe burguesa e desenvolver um modelo de educação social que tenha consigo os interesses e necessidades da classe trabalhadora.

O aspecto mais relevante da teoria marxista é a sua crítica ao sistema produtivo do século XIX, para ele o trabalho é uma ferramenta utilizada pela burguesia para alienação do proletariado, o qual no seu movimento de repetição mecânica o coloca em ciclo vicioso, formando apenas o trabalhador para apertar botões, não se dá a mínima importância para a sua formação por completo, nesta

perspectiva o mesmo não passa de um objeto passivo e de formação fragmentada.

O objeto do trabalho é, portanto, a objetivação da vida genérica do homem: quando o homem se duplica não apenas na consciência, intelectual, mas também operativa, contemplando-se, por isso, a si mesmo num mundo criado por ele. Consequentemente, quando arranca do homem o objeto de sua produção, o trabalho estranhado arranca-lhe sua vida genérica, sua efetiva objetividade genérica e transforma a sua vantagem com relação ao animal na desvantagem de lhe ser tirado o seu corpo inorgânico, a natureza. Igualmente, quando o trabalho estranhado reduz a auto-atividade, a atividade livre, a um meio, ele faz da vida genérica do homem um meio de sua existência física. A consciência que o homem tem do seu gênero se transforma, portanto, mediante o estranhamento, de forma a que a vida genérica se torna para ele um meio (MARX, 2005, p. 186).

No âmbito do trabalho as pessoas que o realizam não se apropriam daquilo que produzem, elas não se reconhecem no produto do seu trabalho, sendo cada vez mais lançados a competição por salários e ao individualismo necessário a esta competição. Em contraponto a isso a educação *omnilateral* vem para formar o sujeito em todos os seus âmbitos, uma educação para a emancipação humana.

Educação omnilateral significa, assim, a concepção de educação ou de formação humana que busca levar em conta todas as dimensões que constituem a especificidade do ser humano e as condições objetivas e subjetivas reais para seu pleno desenvolvimento histórico. Essas dimensões envolvem sua vida corpórea material e seu desenvolvimento intelectual, cultural, educacional, psicossocial, afetivo, estético e lúdico (FRIGOTTO, 2012, p. 265).

Para Frigotto (2012) a educação para a emancipação humana perpassa a sua natureza e se constrói a partir da natureza social. Sendo assim, pauta um novo projeto educacional que leva além o resgate de valores humanos, tornando um elemento central na discussão da superação da formação fragmentada e parcial dos indivíduos que compõe a sociedade, a formação *omnilateral* reafirma o trabalho como princípio educativo, não buscando apenas a junção de ensino e trabalho, mas ponderando a emancipação humana, tornando assim o indivíduo mais crítico para analisar a sua realidade.

Com base nisso, nota-se a necessidade de uma mudança nas estruturas educacionais apresentadas no cotidiano, pois as mesmas ainda atendem aos interesses da classe burguesa. Essas mudanças são defendidas no Brasil por Paulo Freire:

Há um século e meio Marx e Engels gritavam em favor da união das classes trabalhadoras do mundo contra sua espoliação. Agora, necessária e urgente se fazem a união e a rebelião das gentes contra a ameaça que nos atinge, a da negação de nós mesmos como seres humanos submetidos à “fereza” da ética do mercado (FREIRE, 2002, p. 48).

Para Freire (2002) a educação é exercida como ferramenta que fomenta as desigualdades sociais, excluindo, elitizando e construindo uma educação hierárquica, produzindo e formando pessoas aptas para trabalhar, capazes de operar a máquina e se adaptar com a evolução tecnológica, mão de obra barata para a manutenção do *status quo*⁴ do modo de produção capitalista.

No livro a Pedagogia do Oprimido, Freire (1987), escreve sobre a relação opressora e oprimida no âmbito educacional. Deixando claro que a luta para a classe trabalhadora só vai se dar de modo qualitativo a partir do momento em que o homem tomar consciência da opressão a que está submetido e só vai se tornar livre, dentro da hegemonia do projeto imposto, a partir do momento em que lutar contra ele.

A violência dos opressores que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade e mambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, este poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos. Por isto é que o poder dos opressores, quando se pretende amenizar ante a debilidade dos oprimidos, não apenas quase sempre se expressa em falsa generosidade, como jamais a ultrapassa (FREIRE, 1987, p. 16-17).

A sociedade caminha a passos largos rumo a valores altamente competitivos e os reproduzindo incessantemente, leva a uma catástrofe social de dependência mútua, afinando e estabilizando a relação explorador-explorado.

Para tanto, se faz necessário analisar outro projeto educacional que venha de encontro com os anseios da massa de trabalhadores, educação esta que rompa com padrões, estigmas e com a competição, desta forma, passa a pensar uma

⁴ *Status quo* refere-se à ideia de manutenção das estruturas sociais, tal como ele se encontra.

educação *omnilateral*, como defendia Karl Marx, e, uma educação libertadora, como defendia Paulo Freire, tarefa para o próximo capítulo.

3. JOGOS COOPERATIVOS E AS ESCOLAS DO CAMPO

Os jogos cooperativos surgem a partir da supervalorização de jogos competitivos e do individualismo, fortemente encontrado e construído nos moldes da sociedade capitalista. A supervalorização da competição se apresenta nos jogos por meio dos resultados, números de derrotas ou vitórias, aprendemos a nos confrontarmos para alcançar resultados e não nos juntarmos para alcançar determinado resultado, dando a impressão de que existe apenas uma forma de jogar ou de se trabalhar dentro de um determinado coletivo.

Ao analisarmos na escola, ou até mesmo fora dela, no meio social em que vivemos, quando se desenvolve as atividades lúdicas ou esportivas as pessoas são levadas a naturalizarmos a competição, essas ações não são classificadas no cotidiano como ações de competição, o que nos leva a naturaliza-las. Contudo, isso também acontece com a cooperação, evidentemente que as ações de cooperação são numericamente menos expressivas, mas as realizamos sem classifica-las como tal, mesmo assim, elas reforçam a ideia de que ninguém vive sozinho em sociedade.

O jogo cooperativo existe há séculos em várias culturas, desse modo, resgatar, recriar e difundir o cooperativismo nas relações humanas por meio dos jogos é uma questão de potencialização de valores e atitudes da sociedade. Para Brotto (2013) alicerçado em Orlick (1982):

[...] Alguns povos ancestrais como os Inuit (Alaska), os Aborígenes (Austrália), os Tasaday (África), os Arapesh (Nova Guiné) e os índios norte-americanos, entre outros, ainda praticam a vida cooperativamente através da dança, do jogo e de outros rituais. Aqui, no Brasil, temos muitos exemplos dessa Cooperação Essencial, tal como é a tradicional *Corrida das Toras*, dos índios kanela. (BROTTO 2013, p. 62).

Apesar da atividade ser antiga, o marco temporal ancora-se a partir de algumas bibliografias da década de 1950 no ocidente, no livro *Winning Through Cooperation* de Terry Orlick, publicado em 1978 é apresentado alguns dos pioneiros no que se trata de jogos cooperativos. Dentre as várias bibliografias Brotto (2013, p. 63) destaca:

- (1950) - Ted Lentz não apenas atuou na linha de frente do movimento de pesquisas para a paz, em meados da década de 50, como também foi um pioneiro na área dos Jogos Cooperativos. Ele e Ruth

Cornelius apresentaram algumas importantes estruturas de Jogos Cooperativos, descritos num manual intitulado *All together*;

- (1972) - Jim e Ruth Deacove de Family Pastimes, de Perth, Ontário-Canadá, inventaram Jogos Cooperativos realmente inovadores. Para eles, os jogos não precisam ser de confronto e podem envolver valores positivos e atitudes de ajuda uns aos outros. Os jogos de salão ou de tabuleiro podem também ser reformulados para incentivar a cooperação e o espírito de ajuda. A abordagem básica de todos os jogos dos Deacove é completamente diferente da dos outros jogos encontrados no comércio. Estimulam o espírito de cooperação e a ideia de vencer em conjunto;
- (1974) - David Earl Platts, Mary Inglis, Joy Drake e Alexis Edwards como membros do Departamento de Educação da Findhorn Foundation, criada em 1962, na Escócia, desenvolveram um método para promover a confiança pessoal e grupal, totalmente baseado em jogos. Esse método, chamado *Group Discovery* (Descoberta Grupal), influenciou os estudos e os trabalhos de muitas pessoas no mundo inteiro, particularmente, os de Terry Orlick, Andrew Fluegelman e Dale LeFevre;
- (1976) - Marta Harrison e os membros do *Comitê Amigos da Paz* e outras pessoas que contribuíram para o livreto *For the fun of it*, criaram excelentes Jogos Cooperativos;
- (1976) - Andrew Fluegelman escreveu o *New Games Book* (*Livro de Novos Jogos*), registrando uma série de jogos (cooperativos e competitivos) realizados durante os três primeiros *Torneios de Novos Jogos da New Games Foundation*;
- (1983) - Xesús R. Jares, professor catedrático de Didática e Organização Escolar da Universidade La Coruña, Espanha, fundou o *Coletivo Educadores pela paz da Nova Escola Galega*, Posteriormente, publicou inúmeras obras abordando os Jogos Cooperativos e sua interface com a Educação para a Paz;
- (1987) - O educador Popular venezuelano Guillermo Brown, através da Guarura Ediciones, publica o primeiro livro sobre Jogos Cooperativos, na América Latina, intitulado: *Qué tal si jugamos?*
- (1992) - É publicado nos Estados Unidos o livro *Cooperative Learning*, de autoria do Dr. Spencer Kagan, criador do *Kagan Cooperative Learning*, centro de pesquisa e formação sobre Aprendizagem Cooperativa;
- (2001) - Uma obra de referência é publicada na Espanha por Raul Omeñaca, Ernesto Puyelo e Jesús Vicente, intitulada *Explorar, Jugar, Cooperar: bases teóricas y unidades didácticas para la Educación Física abordadas desde las actividades, juegos y métodos de cooperación*;
- (2002) - O professor espanhol, Carlos Velázquez Callado, juntamente com um grupo de educadores, constitui *El Colectivo de Docentes de Educación Física para la paz - La Peonza*. Um centro de difusão de Cultura de Paz e Cooperação através da Educação Física Escolar.

No Brasil ações realizadas a partir de 1980 começam a se espalhar pelo país, importantes reflexões acerca do tema se desenvolvem a partir deste momento, estas ações também foram apresentadas por Brotto (2013, p. 64) e merecem relevo:

- (1980) - A escola das Nações é fundada em Brasília, tendo como filosofia a Educação para a Paz e como um de seus principais pressupostos pedagógicos os Jogos Cooperativos e a Aprendizagem Cooperativa;
- (1988) - A Universidade Espiritual Mundial Brahma Kumaris apresenta uma edição piloto do manual *Cooperação na sala de aula; um pacote para professores*, trazendo uma série de atividades cooperativas para a construção de um Mundo Melhor;
- (1989) - Publicada em São Paulo, pela Editora Círculo do Livro, a

primeira obra sobre Jogos Cooperativos no Brasil: *Vencendo a Competição*, de Terry Orlick;

- (1991) - No Centro de Práticas Esportivas da USP (CEPEUSP), em São Paulo, os Profs. Fábio Brotto e Jofre Cabral de Menezes oferecem um programa semestral de jogos Cooperativos aberto à comunidade universitária;
- (1992) - É criado o Projeto Cooperação - Comunidade de Serviços, uma organização plenamente dedicada a difusão dos Jogos Cooperativos e da Ética de Cooperação, por meio de oficinas, palestras, eventos, publicações e produção de materiais didáticos;
- (1992) - É realizada a primeira Oficina de Jogos Cooperativos para Educadores, promovida pelo Projeto de Cooperação e Athenas Promoções, em Santos-SP;
- (1993) - No IV Congresso Holístico Brasileiro, em Salvador-BA, acontece, a convite da Profa. Neyde Marques, a primeira realização de uma oficina de Jogos Cooperativos, em um evento nacional;
- (1994) - Publicação do segundo livro no Brasil, *Jogos cooperativos: teoria e prática*, de Guilherme Brown, em São Leopoldo-RS, pela editora Sinodal;
- (1994) - É aprovado em Salvador-BA, o I Encontro Jogos Cooperativos e Jogos Essenciais, por Neyde Marques de Suryalaya - Centro de Pesquisas Transdisciplinares e Projeto Cooperação;
- (1995) - Com o propósito de reunir estudos e experiências realizadas no Brasil, é realizada pelo CEPEUSP (Centro de Práticas Esportivas da USP) a I Clínica de Jogos Cooperativos: Educando para a Uni-Diversidade. Simultaneamente é lançada a "Rede de Jogos Cooperativos";
- (1995) - O livro *Jogos Cooperativos; se o importante é competir, o fundamental é cooperar*, é indicado como uma das referências teóricas do Programa Esporte Educacional, do Instituto Nacional para o Desenvolvimento do Esporte (INDESP);
- (1996) - Através de um intercâmbio com o grupo canadense Family Pastimes, liderado por Jim Deacove, o Projeto Cooperação lança o *Jogo da Terra* e o *Lugar Bonito*, primeiros Jogos Cooperativos de Tabuleiro produzidos no Brasil;
- (1998) - O livro *Jogos Cooperativos; se o importante é competir, o fundamental é cooperar*, é adotado como bibliografia obrigatória no Concurso Público para Professor da Educação Básica II, na disciplina de Educação Física, pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo;
- (1999) - É realizado pelo Sesc-Taubaté Projeto Cooperação e Cooperando, o Festival de Jogos Cooperativos, reunindo 300 participantes do Brasil e América do Sul. Evento este que se repetiria em 2001 na mesma localidade, e, em 2004, na Colônia de Férias do Sesc-Bertioga no litoral de São Paulo;
- (2000) - A Unimonte (Centro Universitário Monte Serrat) e o Projeto Cooperação iniciaram em Santos-SP o primeiro Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Jogos Cooperativos;
- (2000) - Lançamento da Revista de Jogos Cooperativos editada por Luciano Lannes e Monica Teixeira, da Lannes Consulting;
- (2008) - É criada a Comunidade de Jogos Cooperativos por Denise Jayme de Arimatéa e Fábio Otuzi Brotto para reunir virtualmente os conhecimentos, as experiências e as pessoas dedicadas ao desenvolvimento do tema.

Com base nas bibliografias citadas torna-se evidente o movimento em prol dos jogos cooperativos e seus desdobramentos dentro do país, apontando um caminho diferente do consolidado na organização escolar tradicional.

Diante disso, os Jogos Cooperativos vêm se caracterizando por serem

dinâmicas alternativas realizadas em coletivo, busca-se atingir um objetivo comum a partir do trabalho em conjunto, considerando quem joga como um parceiro e não unicamente como adversário, desta forma o indivíduo que pratica adota e internaliza valores moldados por ações e práticas cooperativas. Desta forma, quem joga aprende sobre a sua própria autenticidade e a expressá-la de forma natural e criativa, diminuindo a pressão feita sob jogadores individuais, enaltecendo a empatia e o bem comum.

Os jogos cooperativos são jogos de compartilhar, unir pessoas, despertar a coragem para assumir riscos, tendo pouca preocupação com o fracasso e o sucesso em si mesmos. Eles reforçam a confiança pessoal e interpessoal, uma vez que ganhar e perder são apenas referências para o contínuo aperfeiçoamento de todos. (BROTTO, 2013, p. 68).

Segundo Brotto (2013), utilizando do estudo de Walker (1987), baseado na observação de crianças da Escola das Nações que realizavam jogos cooperativos e competitivos, compara esses dois tipos de atividades. Desenvolvendo um quadro comparativo, Brotto (2013) ao analisar os dados ressalta que não há uma divisão rígida e linear dessas duas formas de jogar.

Quadro 01: Comparação entre jogos cooperativos e jogos competitivos

JOGOS COMPETITIVOS	JOGOS COOPERATIVOS
São divertidos apenas para alguns	São divertidos para todos
Alguns jogadores têm o sentimento de derrota	Todos os jogadores têm um sentimento de vitória
Alguns jogadores são excluídos por sua falta de habilidade	Todos se envolvem independentemente de sua habilidade
Aprende-se a ser desconfiado, egoísta ou se sentir melindrado com os outros	Aprende-se a compartilhar e confiar
Divisão por categorias: meninos x meninas, criando barreiras entre as pessoas e justificando as diferenças como uma forma de exclusão	Há mistura de grupos que brincam juntos, criando alto nível de aceitação mútua
Os perdedores ficam de fora do jogo e simplesmente se tornam observadores	Os jogadores estão envolvidos nos jogos por um período maior, tendo mais tempo para desenvolver suas capacidades

Os jogadores não se solidarizam, e ficam felizes quando alguma coisa “ruim” acontece aos outros	Aprende-se a solidarizar com o sentimento dos outros, desejando também o seu sucesso
Os jogadores são desunidos	Os jogadores aprendem a ter um senso de unidade
Os jogadores perdem a confiança em si quando eles são rejeitados ou quando perdem	Desenvolvem a autoconfiança, pois todos são bem aceitos
Pouca tolerância à derrota promove em alguns jogadores um sentimento de desistência em face de dificuldades	A habilidade de preservar em face de dificuldades é fortalecida
Poucos se tornam bem-sucedidos	Todos encontram um caminho para crescer e desenvolver

Desta forma, observa-se que elementos e características importantes destacados no Quadro 01, são nitidamente encontrados ao realizarmos atividades dentro das salas de aula. Ressalta-se, neste sentido, que em meio a uma sociedade que privilegia valores individuais os jogos e atividades desenvolvidos em sala de aula tendem a ser mais competitivos do que cooperativos, pois os valores de quem aplica e quem participa ainda que no subconsciente é competitiva. Brotto (2013) afirma que é possível transcender essa dicotomia e alcançar uma experiência efetivamente integrada e una no jogo.

Seria como atingir um estado de êxtase, de plenitude, de inteireza, como o vivenciado por meio da meditação, contemplação, oração e outras práticas espirituais, em que o ser Humano recupera a ligação consigo mesmo, com outros e com a natureza (BROTTO, 2013, p. 69).

As análises feitas por Brotto (2013), com base em Walker (1987), refletem a ideia de vários outros autores sobre jogos cooperativos e competitivos. Cabe citar aqui alguns deles, como: Deacove (1974), Orlick (1978, 1982), Sobel (1983), Le Fevre (1988), Weinstein e Goodman (1993), Brown (1994), Platts (1996), que através de várias análises diferentes, convergem para o entendimento comum da importância dos jogos cooperativos inseridos nos processos educacionais.

A principal contribuição dos autores é apontar para uma nova forma de se viver em sociedade, despertando o sentimento cooperativo. Propõe formas

diferentes de se jogar e de viver, tornando-se necessária a tarefa de romper o paradigma da competição diante de uma sociedade individualista.

3.1. Entidades Envolvidas: Educação do Campo em construção

O processo de luta por uma Educação do Campo que seja construída com as pessoas e não para as pessoas, começa a nascer dentro de movimentos sociais e demais organizações da sociedade civil, que entendem que a educação é uma ferramenta que molda e que constrói o sujeito, e que é necessário que o mesmo seja agente e construtor desse processo, o qual terá capacidade intelectual crítica de intervir na sua realidade e ter a oportunidade de transformá-la.

De acordo com Molina e Freitas (2011, p. 19):

Tendo sua origem no processo de luta dos movimentos sociais para resistir à expropriação de terras, a Educação do Campo vincula-se à construção de um modelo de desenvolvimento rural que priorize os diversos sujeitos sociais do campo, isto é, que se contraponha ao modelo de desenvolvimento hegemônico que sempre privilegiou os interesses dos grandes proprietários de terra no Brasil, e também se vincula a um projeto maior de educação da classe trabalhadora, cujas bases se alicerçam na necessidade da construção de outro projeto de sociedade e de Nação (MOLINA; FREITAS, 2011, p. 17-31).

Durante o período de 1964 e 1985, conhecido como ditadura militar, o projeto de Educação do Campo e a luta pela materialização do mesmo ficando estagnado, pelo fato da conjuntura não estar favorável ao desenvolvimento do projeto, pois foi um momento marcado por repressão e perseguições políticas, levando movimentos e organizações sociais a agirem na clandestinidade.

Após esse momento, ou seja, pós-ditadura, os movimentos e organizações sociais voltaram a se reorganizar, desta forma, começam a questionar a realidade da vida no campo, dos direitos e principalmente o papel da educação. A falta de escolas do campo foi uma inquietação e constatação que surgiu dentro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Silva (2016, p. 04), com base nas reflexões de Caldart (2011), afirma que a escola além de ser um espaço de construção de conhecimento, também é uma forma de luta social, dado que a escola pode até não movimentar o campo, mas o campo não vive sem ela, ou seja:

Não há escolas do campo num campo sem perspectivas, com o povo sem horizontes e buscando sair dele. Por outro lado, também não há como implementar um projeto popular de desenvolvimento sem um projeto de educação, e sem expandir radicalmente a escolarização para todos os povos do Campo (CALDART, 2001, p. 62 *apud* SILVA, 2016, p.05).

Desta forma, é possível compreender que a Educação do Campo se constrói historicamente a partir de lutas e mobilizações feitas por movimentos e organizações sociais e está totalmente ligada ao sujeito que ela atende, havendo nestes uma relação de troca que permeia e possibilita a construção conjunta dos mesmos.

Tendo isto em vista, se faz necessário olhar a formação profissional dos professores que atendem alunos das diferentes realidades sociais, pois cada espaço tem as suas especificidades de formação. O campo é um exemplo claro, que precisa de profissionais qualificados para atender as necessidades de formação da população, sendo assim, alguns cursos voltados a uma formação mais específica foram desenvolvidos em uma tentativa de sanar tais necessidades. Segundo Molina:

Uma das principais características da Licenciatura em Educação do Campo como política de formação de educadores do campo centra-se na estratégia da habilitação de docentes por área de conhecimento para atuarem na educação básica, articulando a esta formação a preparação para gestão dos processos educativos escolares e dos processos educativos comunitários. Há que se destacar a intencionalidade maior da formação por área de conhecimento de contribuir com a construção de processos capazes de desencadear mudanças na lógica de utilização, e principalmente, de produção do conhecimento no campo (MOLINA, 2011, p. 17).

Neste sentido a escola do campo tem papel fundante na formação da população que vive no espaço rural e deve ser trabalhar de forma articulada com profissionais, que devem conhecer a realidade e a especificidade do campo.

Ao realizar um breve resgate histórico sobre a educação do campo, notamos que de formas particulares experiências dessa natureza aconteceram em alguns países do mundo muito antes do Brasil. As Casas Familiares Rurais, um exemplo de educação do campo, surgiram na França em 1937 com o intuito de articular os saberes tradicionais das famílias camponesas aliadas a uma formação profissional, sendo assim, desde o começo a mesma visa trabalhar com a pedagogia da alternância, a qual possibilita que o jovem possa fazer uma interlocução entre teoria e prática.

No Brasil a primeira Casa Familiar Rural inicia seus trabalhos no estado do

Paraná em 1987, nos municípios de Barracão e Santo Antônio do Sudoeste e se expande para os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina e outros estados do país, tendo como coordenação a Associação Regional das Casas Familiares Rurais (ARCAFAR) e a Confederação Nacional das Casas Familiares Rurais (CONACAFARB). Atualmente a Casa Familiar Rural está presente nos cinco continentes, em trinta países, visando a responsabilidade social com a interação das famílias na formação dos jovens e a valorização dos saberes tradicionais.

A CFR alvo central desta pesquisa, localiza-se no município de Cândido de Abreu dentro da comunidade linha Pinhal, a cerca de 15 km da sede do município. O curso começa a ser trabalhado em 2002, com o intuito de elevar o conhecimento de com jovens dentro da formação profissional para atuar dentro das propriedades dos mesmos, atendendo atualmente cerca de 60 alunos, a proposta é formar técnicos (as) que articule trabalho, cultura, ciência e tecnologia.

A organização dos conhecimentos, no Curso Técnico em Agropecuária, enfatiza o resgate da formação humana onde o aluno, como sujeito histórico, produz sua existência pelo enfrentamento consciente da realidade dada, produzindo valores de uso, conhecimentos e cultura por sua ação criativa.

A integração curricular entre o Ensino Médio e o Profissional, objetiva integrar o jovem ao contexto sócio-cultural atual, propiciando formação que possibilite uma escolha profissional sintonizada com os requisitos técnicos e tecnológicos próprios de sua área de formação. A concepção que orienta esta organização curricular incorpora a perspectiva de romper com a estrutura dual que tradicionalmente tem marcado o Ensino Médio, oferecendo ao aluno uma formação com viés omnilateral.

Contudo outros dois colégios se somam na pesquisa e contribuem na qualidade do trabalho desenvolvido, são eles Colégio Estadual do Campo Tereza Cristina – Ensino Fundamental e Médio (CETEC), o qual situa-se no distrito de Tereza Cristina, município de Cândido de Abreu, Paraná, e compõe o Núcleo Regional de Educação de Ivaiporã.

A escola foi construída em 2001, porém ficou inativa até o ano de 2003, até este momento os alunos da comunidade iam para as escolas da cidade de Cândido de Abreu e escolas das demais localidades próximas, e até hoje em alguns casos isto acontece, por opção ou pela falsa ideia que as pessoas criam de que os colégios da cidade são melhores pelo simples fato de estarem localizados na cidade.

A princípio o Colégio recebe como nome Colégio Estadual Tereza Cristina em

homenagem a Imperatriz Tereza Cristina que auxiliou no processo de colonização financiando os projetos do Dr. Jean Maurice Faivre o idealizador e fundador do então distrito de Tereza Cristina, porém, com o passar do tempo o seu nome muda, tendo em vista a sua localização que é em perímetro rural, a Instituição de ensino que até então se chamava de Colégio Estadual de Tereza Cristina – Ensino Fundamental e Ensino Médio, passa a se chamar de Colégio Estadual do Campo Tereza Cristina – Ensino Fundamental e Ensino Médio.

E o Colégio Estadual do Campo Agrônomo Hintz, que fundada em 1943, no município de Cândido de Abreu, com o nome de Escola de Trabalhadores Rurais Agrônomo Hintz, a escola forma cidadãos voltados para o trabalho no campo. Em 2016, com a denominação de Colégio Estadual do Campo Faxinal de Catanduvas é avaliado com o índice 4,9 no IDEB (índice de Desenvolvimento da Educação Básica) pelo MEC, sendo considerada a melhor instituição pública de ensino fundamental II da região.

Com a eminente falta de espaço (salas de aula, laboratórios, ambientes administrativos) a comunidade escolar se mobilizou e se reuniu com a SEED (Secretaria de Estado da Educação), IAP e Fundepar (Instituto Paranaense de Desenvolvimento Educacional) para solicitar reformas para atender a demanda crescente do colégio. Em julho de 2017, o secretário chefe da Casa Civil, Valdir Rossoni, recebeu os representantes da comunidade escolar no Palácio do Iguazu e assumiu o compromisso de reformar o prédio. Cinco meses depois, o projeto foi aprovado.

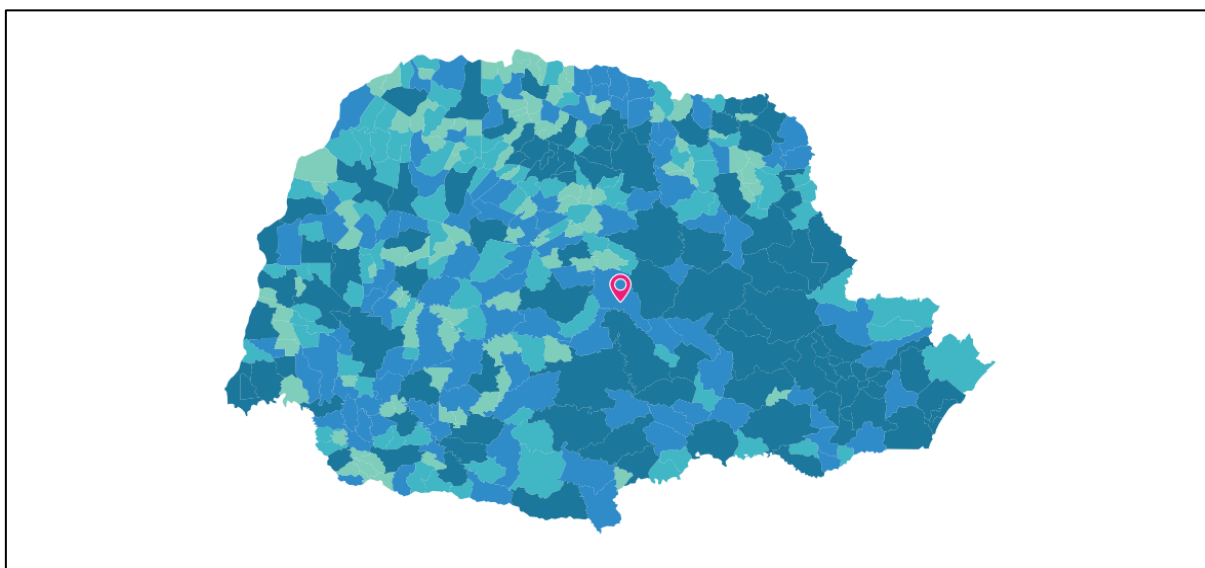
Em 21 de fevereiro de 2018 foi publicada em diário oficial a resolução 486/2018 que altera a denominação da instituição de ensino para Colégio Estadual do Campo Agrônomo Hintz – Ensino Fundamental e Médio que completa, em 2018, 75 anos de história, sendo uma das escolas mais antigas do Paraná.

3.2. Cândido de Abreu no contexto da educação: entre a competição e a cooperação

Para que possamos compreender melhor a possibilidade de usar os jogos cooperativos como ferramenta pedagógica juntamente com os conteúdos propostos

pelo Projeto Político Pedagógico⁵ e Projeto Político do Curso⁶ dentro das salas de aulas, é fundamental fazermos a análise de elementos que clareiam o contexto atual do município que se submete a pesquisa. Localizado em uma região sustentada economicamente a base da agricultura e da pecuária Cândido de Abreu apresenta uma população estimada em 16.655 pessoas, as quais se encontram distribuídas em uma unidade territorial de 1.510,160 km².

Figura 01: Localização do município de Cândido de Abreu, estado do Paraná



Fonte: IBGE (2010, p.01).

Marcado pelo sucateamento o território fornece condições de vida que fomentam a apatia e a busca por saídas individuais, tendo uma população estimada na área urbana é de 4.759 habitantes, enquanto na área rural chega a 11.903 habitantes que segundo o IBGE, pesquisas realizadas em 2017 apresentam que em 2016, o salário médio mensal era de 1.9 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 10.1% (IBGE 2017, p.01). Desta forma a desvalorização do trabalho coletivo e de valores cooperativos torna-se latente trazendo à tona o êxodo rural principalmente de jovens do campo e da cidade que não veem alternativas ficando desacreditados, levando-os a buscar em centros maiores condições de vida que lhes permita viver diante da realidade

⁵ O Projeto Político Pedagógico é o documento orientador das práticas escolares. Trata-se de um documento obrigatório e de construção coletiva, apresentando os objetivos e práticas a serem desenvolvidas pela comunidade escolar.

⁶ O Projeto Político do Curso é o documento relativo ao curso de Técnico em Agropecuária, da Casa Familiar Rural, tem como papel orientar as práticas político-pedagógicas do curso.

econômica atual.

O cooperativismo do território enfrenta grandes dificuldades para se desenvolver nas suas reais bases tomando outro caráter, nomenclatura se de cooperativismo tendo a sua base privada, construindo relações de poder e hierarquia entre os mais ricos e mais pobres, o qual não foge da realidade do cenário mundial.

A educação segundo dados do IBGE, 2017, tem em 2015 a taxa de escolarização de crianças de 6 a 14 anos de idade é de 98,1% do total da população, já o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica nos anos iniciais do ensino fundamental fica em 6,2 e nos anos finais do ensino fundamental 4,6 deixando nítida o processo de fragmentação e carência no ensino dentro das escolas (IBGE 2017, p.01).

Realizando essa breve análise sobre a conjuntura educacional do território ressalta-se a importância que se deve dar para o ensino nas escolas da região. Portanto a questão não é ignorar, muito menos menosprezar o que já se tem produzido em torno da educação, é apresentar a importância do trabalho entre professores e alunos através de bases cooperativas buscando valorizar os saberes pessoais com o intuito de melhorar as relações humanas dentro e fora da escola.

O essencial aqui não é propagandear a cooperação isso já é realizado em vários outros meios, porém, o que se busca é criar espaços de vivência que ao invés de fomentar o crescimento individual e a competição exagerada, se crie espaços de livre expressão da criatividade, de solidariedade e de ajuda mútua fazendo com que o coletivo passe a ser órgão de responsabilidade e autoridade dentro da escola, tirando a carga de pressão deixada única e exclusivamente a um pequeno grupo seleto de pessoas.

Ao propor o trabalho cooperativo em sala de aula rompe-se com os padrões e estereótipos impostos pela sociedade, que contribui para romper o estigma criado pela competição de que somente ganhar é bom, ou que existe apenas uma maneira de ensinar através de leis fixas. Abrandando que os sentimentos criados no espaço escolar não é estático, mas é uma construção de movimento que serão transmitidos por toda a vida em sociedade em qualquer espaço que o sujeito se inserir, desta forma se começarmos pela escola a ter uma educação que molde pessoas para olhar o outro como o outro e não como um competidor certamente estaremos moldando um novo tipo de estruturação e comportamento da sociedade.

Através de atividades práticas que despertem a curiosidade, o senso crítico, agucem os sentidos e prendam o físico naquilo que se quer prender, busca-se a utopia da construção de uma educação que seja mais do que aquilo que se encontra no papel, nos livros, que se torne escrita e construída por todos, buscando a formação em todos os âmbitos e dimensões do ser humano, sendo ela construída pela maioria que venha atender os anseios e desejos de pessoas que sofrem em um país “democrático” por nunca ter a oportunidade de abrir um livro didático.

3.3 Os jogos cooperativos nas Escolas do Campo

Pensar a escola do campo exige considerar a necessidade de proporcionar acesso à educação aos sujeitos do campo. Afinal, no município em estudo 71,43% da população está no campo, isso por si só já demonstra a importância de buscar uma educação compatível com suas especificidades, sobre isso, Molina e Sá (2012) destacam que a escola do campo tem um componente de luta por direitos:

[...] a concepção de escola do campo a ser tratada aqui se enraíza no processo histórico da luta da classe trabalhadora pela superação do sistema do capital. O acesso ao conhecimento e a garantia do direito à escolarização para os sujeitos do campo fazem parte desta luta (MOLINA; SÁ, 2012, p. 327).

A participação das escolas, alunos, professores e comunidade externa durante o período de realização da pesquisa se caracteriza como um elemento de inigualável importância, pois ressalta a seriedade do trabalho e resgata o processo de construção coletiva no ambiente escolar.

Ao fazer menção que Cândido de Abreu é um município basicamente rural, busca-se trabalhar diretamente considerando esta característica, indo ao encontro das necessidades e carências de formação existentes no espaço rural atualmente. Desta forma, a pesquisa acabou envolvendo três escolas do município, Casa Familiar Rural, Colégio Estadual do Campo Tereza Cristina E.F.M e Colégio Estadual do Campo Agrônomo Hintz E.F.M., contudo, o foco principal da pesquisa foi a Casa Familiar Rural.

A pesquisa foi dividida em duas partes, a primeira de caráter prático, que se concretizou na realização de oficinas de jogos cooperativos, já a segunda consistiu na aplicação de questionários. As ações foram feitas de forma separada, as oficinas

de jogos cooperativos envolveram a comunidade escolar como um todo, porém, os questionários foram destinados somente aos alunos do terceiro ano do ensino médio, envolvendo 40 alunos e 5 professores dos três colégios.

A existência de duas propostas de análise que envolve primeiramente a comunidade escolar e logo depois se restringe aos alunos do último ano do ensino médio, pode limitar a análise total do processo, desta forma os próximos parágrafos serão dedicados a destacar as observações realizadas a partir das oficinas de jogos cooperativos.

Todas as oficinas foram realizadas com o mesmo caráter, tendo como início uma apresentação coletiva dos alunos da sala, ocorrendo da seguinte forma: logo após organizar a sala em um círculo todos os alunos se apresentaram e tiveram que apresentar os colegas da turma, inclusive, o professor e o aplicador da oficina. Explicando melhor, funcionava assim: Maria se apresenta, a sua colega do lado ao se apresentar fala o nome de Maria e depois seu nome Joana, o colega ao lado de Joana apresenta Maria, Joana e depois se apresenta e assim sucessivamente até todos serem apresentados. Essa dinâmica é muito utilizada como “quebra gelo” para trazer os alunos para o assunto rompendo com a distância entre aplicador e envolvidos.

Em seguida uma breve conversa de apresentação sobre cooperação nas relações sociais foi realizada, tendo em vista que a todo o momento o espaço estava aberto para os participantes tirarem suas dúvidas e contribuir na construção coletiva da mesma. A dinâmica seguinte fez com que a turma criasse um problema ilusório em coletivo, onde todos tivessem que participar para resolver, em um imenso nó humano os alunos de mão dadas tiveram que refazer um círculo sem soltar um do outro, essa dinâmica teve o intuito de explicar na prática o quanto precisamos um do outro para viver, trazendo à tona o trabalho em conjunto e a ajuda mútua.

Dando continuidade para finalizar as dinâmicas foi feita uma brincadeira em dupla, onde cada dupla se colocou um de frente ao outro cada um com uma mão aberta e a outra fechada, tinham por objetivo final ao terminar o tempo estar com as duas mãos abertas, os participantes faziam de tudo para abrir a mão de seus companheiros menos pedir e conversar, se baseando na mesma conversamos sobre auto e heterogestão e como ela se estabelece no nosso dia a dia.

Ao final de cada trabalho voltamos ao assunto como um todo, retomando tudo o que foi trabalhado e fechando o mesmo, foi aberto novamente um espaço

abrangente para retirada de eventuais dúvidas, contribuições, críticas e o que cada um quisesse expressar.

Com esse formato as oficinas realizadas na região tiveram como objetivo trazer à tona o cooperativismo como trabalho indissociável da humanidade, que independentemente da intensidade com que precisamos um do outro reforça a ideia de que precisamos indiscutivelmente um do outro para viver. Nesta perspectiva de análise buscou-se trazer de forma simples, fácil e efetiva o assunto para dentro das escolas da região, mostrando a partir das dinâmicas, jogos e brincadeiras lúdicas um caminho possível para solucionar eventuais problemas que enfrentamos diariamente e não sabemos muitas vezes como resolver. Na busca de quebrar paradigmas de competição consolidados nas escolas.

Assim como qualquer outro lugar, há uma dificuldade de se trabalhar cooperativamente sem deturpá-la, pois a mesma se coloca em confronto diante de tudo o que está proposto e imposto na atualidade para a sociedade, desta forma, se fez nítido em vários momentos do andamento do processo a dificuldade que os participantes tinham de assimilar, perceber e aceitar que existe outras formas diferentes de trabalho, de brincadeiras e de viver que não sejam individuais.

As três escolas em análise tiveram uma grande adesão à pesquisa, que foi considerada positiva pelos participantes. Os alunos foram muito participativos neste primeiro momento, alguns apenas pela curiosidade, já outros de fato queriam entender como funciona algo coordenado de forma coletiva.

Já a segunda parte do trabalho se deu de forma teórica, nesta foram distribuídos nas escolas questionários para alunos do terceiro ano do ensino médio e professores que estivessem dispostos a responder questões voltadas a cooperação dentro do espaço escolar, 12 questões para os alunos e 9 para os professores. Diante do resultado da pesquisa, torna-se necessário apresentar a seguir as perguntas e as respostas dos alunos dos colégios mencionados.

A primeira questão realizada para os alunos foi: “o que você entende por cooperação? Explique”. A maioria respondeu que cooperação é um ato coletivo que envolve duas ou mais pessoas que se juntam em busca de algo em comum, como a resposta dada pelo Aluno Entrevistado 01: “cooperação é quando todos se ajudam, cooperando um com o outro, seja em uma empresa, numa escola, jogos ou em qualquer outro lugar”. Conforme menciona o aluno, cooperação refere-se a um processo de junção, no qual a ajuda mútua prevalece.

A segunda questão se choca com a primeira e é o seu oposto, essa foi feita da seguinte forma: “o que você entende por competição? Explique”. Assim como a pergunta acima a grande maioria respondeu que ao contrário de cooperar, competir é uma ação individual que não valoriza quem está disputando, vendo unicamente o mesmo como um adversário, competindo entre si e consigo mesmo, como destaca a Aluna Entrevistada 02: “competir é lutar individualmente por algo que deseja, para ser superior aos demais” e como prepondera a Aluna Entrevistada 03: “competição é tentar se sobressair economicamente, intelectualmente sobre os outros, o contrário de cooperação. A competição individualiza a sociedade”. Essas duas respostas deixam nítido que os alunos compreendem a diferença entre competição e cooperação e que aprenderam isso no espaço escolar com as disciplinas disponibilizadas e com a oficina de jogos cooperativos já realizada. Porém, nesta apareceu uma resposta da seguinte forma: “para melhorar o conhecimento e saber, mais”, esta resposta destoa das demais, demonstrando a necessidade de trabalhar a cooperação não só uma vez nas escolas, mas de forma continuada.

Já a terceira questão se refere à participação dos alunos em ações e práticas cooperativas da escola, houve uma divisão de respostas, 15 alunos responderam que não participam desse tipo de práticas, pois o colégio não disponibiliza espaço, ações ou uma prática cooperativa e até mesmo porque essa forma de ensino não interessa a alguns. Porém, o restante dos alunos destacou que participam, ajudam e que acham importantes iniciativas como essas na escola, todos os alunos entrevistados na Casa Familiar Rural fizeram essa afirmação.

Os alunos da Casa Familiar Rural por estarem inseridos em um processo de ensino e aprendizagem com base na Pedagogia da Alternância, diferente das demais escolas, participam de práticas cooperativas em seu cotidiano. Elas estão presentes desde a organização do espaço escolar e de convívio, até o momento de realizar as atividades e tarefas propostas pelos professores. Afinal, nesta modalidade de ensino os alunos permanecem na escola em tempo integral durante as etapas do tempo escola, somente retornam para suas casas nos períodos de tempo comunidade, isso gera uma relação de ajuda mútua de significativa importância.

Já os demais alunos, dos outros colégios, só se encontram em hora de aula, tendo o único espaço de contato no intervalo e em educação física, deixando uma brecha muito pequena para o desenvolvimento e o fortalecimento da cooperação no

entorno do espaço.

A pergunta seguinte solicitou que os alunos descrevessem a escola e se ela realiza práticas pedagógicas com um viés cooperativista? Os alunos que responderam colocaram que seria uma prática boa, diferente e traria grandes resultados para os colégios, pois nesta perspectiva todos se ajudariam, segundo a Aluna Entrevistada 04: “seria uma escola mais participativa, onde despertaria a vontade dos alunos, em participar dos movimentos que a escola propõe”.

E ao indagar que vantagens e desvantagens essa proposta alternativa de ensino traria a Aluna Entrevistada 04 responde o seguinte: “uma das vantagens seria que os alunos iriam ser mais participativos nos movimentos realizados pelo colégio e uma desvantagem seria que os alunos se tornariam mais competitivos, onde poderia gerar conflitos”, outras respostas são bastante similares a essa listada acima grande parte dos pesquisados respondeu que teria muitas vantagens no trabalho em conjunto, destacando que a escola seria melhor, porém, com a abertura maior para que todos possam dar opiniões e contribuir no processo pode gerar algum conflito interno desestabilizando e pondo em cheque a cooperação como um todo. Esta insegurança dos alunos demonstra a ausência do trabalho coletivo cotidiano na escola, algo a ser superado para avançar na cooperação.

A pergunta seis indaga sobre como seria solucionado os problemas no cotidiano da escola por meio da cooperação, as respostas foram elucidativas, segundo o Aluno Entrevistado 05 se resolveria: “com debates e com a maior participação entre a comunidade e os alunos buscando melhorias, através do diálogo”. Sendo assim, torna-se nítido que os alunos conseguem enxergar os problemas latentes dentro do espaço escolar e que podem mudar isso trabalhando de outra forma, por meio da cooperação.

A sétima pergunta refere-se às atividades desenvolvidas no espaço escolar, como elas se apresentam de forma competitiva ou cooperativa. Nestas somente 4 alunos colocaram que as atividades realizadas pela escola se apresentam de forma cooperativa. Os demais alunos colocaram que sentem a escola muito mais competitiva, pois além de sua prática impulsionar o mesmo, para complementar existem projetos onde eles disputam entre eles e só os melhores ganham viagens e prêmios, causando certa desigualdade e discriminação dentro da própria sala de aula.

Contudo quando questionados se a prática pedagógica da escola vincula

conteúdos teóricos com práticos a maioria responde que sim, sempre em seminários, debates, trabalhos e principalmente em educação física, contudo, 4 alunos responderam que não, a escola não vincula os conteúdos teóricos com práticos.

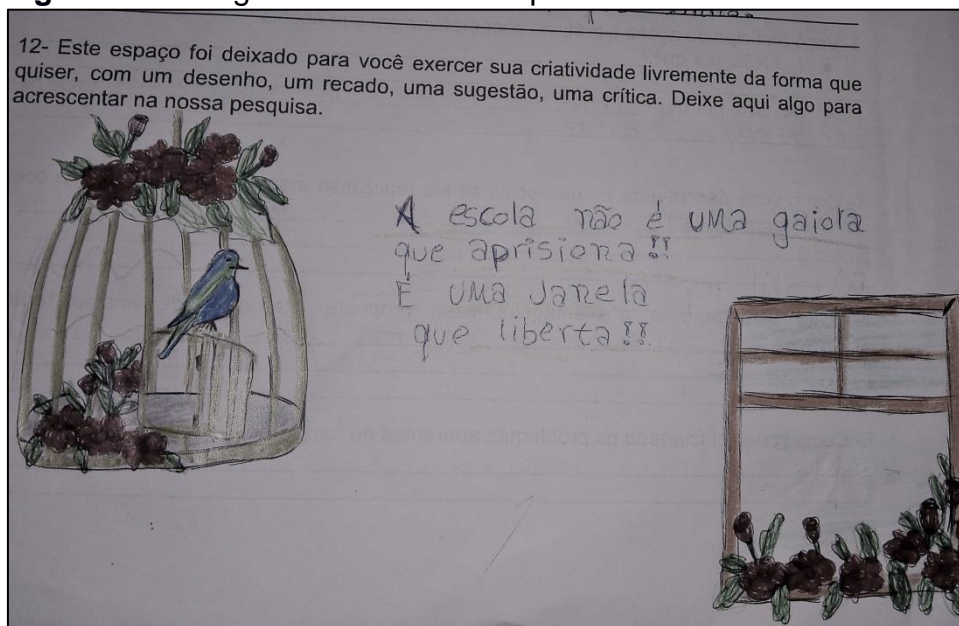
A nona pergunta foi no sentido dos problemas cotidianos dos alunos, como eles fazem para resolvê-los, as respostas foram bastante variadas. Alguns alunos colocaram que depende muito do problema, outros colocaram que resolvem através do diálogo, da conversa, buscando sempre a maneira mais sensata para tal, porém, todos os alunos colocaram em suas respostas que na grande maioria das vezes solucionam os problemas sozinhos, somente em últimos casos chamam amigos ou familiares para ajudá-los. Desta forma faz sentido mencionar o quanto se encontra arraigado a competição dentro da sociedade, as pessoas carregam isso com elas, a primeira solução de problemas de forma imediata é resolvida sozinha, somente quando o problema está em seu ápice é que se procura ajuda.

Fazendo essa análise e perguntando sobre a abordagem do tema cooperação nas salas de aula das escolas os alunos foram perspicazes em responder que já participaram de aulas que abordou o tema, somente 5 comentaram que não participaram de nenhum momento desse na escola. Contudo, os mesmos destacaram que o assunto se encontra mais presente nas disciplinas de cunho social e humano, e outros espaços abertos como oficinas. Todavia, é importante destacar que todos em algum momento de sua vida já tiveram contato com uma experiência cooperativa, porém, não as põe em prática durante o seu dia a dia.

As duas últimas questões se referiam as perspectivas de futuro de cada aluno. De modo geral, todos estão buscando seus objetivos, alguns com mais e outros com menos intensidade. Entretanto, todos veem uma saída na educação, depositando toda confiança no processo educacional que estão inseridos.

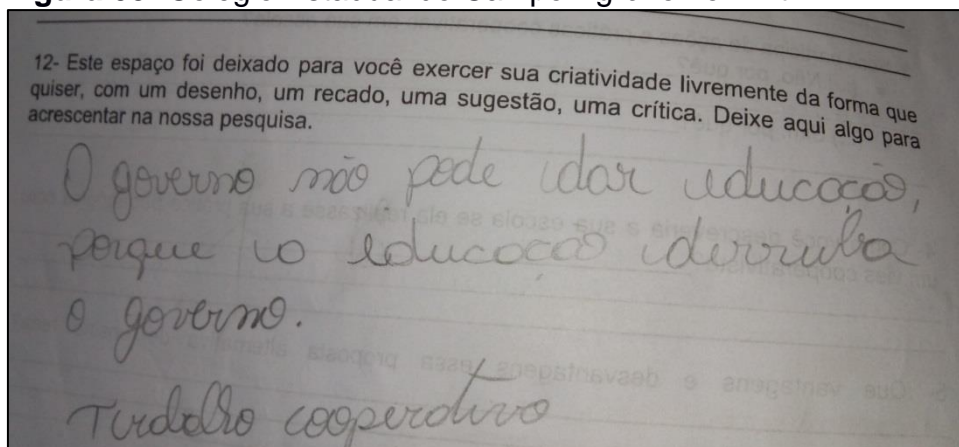
Ao final do questionário o espaço ficou aberto para os alunos expressarem a sua criatividade de forma livre, podendo eles fazer um desenho, colocar uma mensagem, uma sugestão ou uma crítica, algo que viesse a contribuir para a pesquisa, sendo assim destacamos abaixo três desenhos, um de cada colégio.

Figura 02: Colégio Estadual do Campo Tereza Cristina



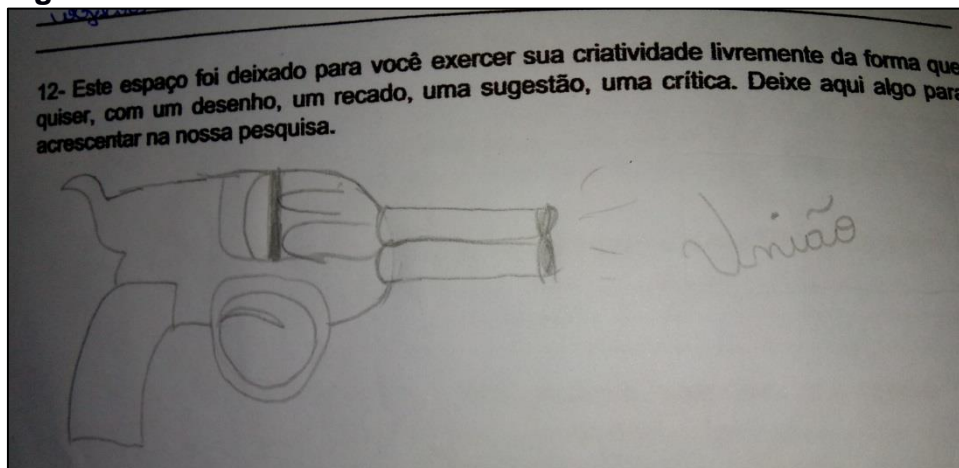
Fonte: pesquisa de campo.

Figura 03: Colégio Estadual do Campo Agrônomo Hintz



Fonte: pesquisa de campo.

Figura 04: Casa Familiar Rural



Fonte: pesquisa de campo.

Ao analisarmos as três exposições dos diferentes alunos, percebe-se que eles compreenderam os limites do trabalho individualizado e sabem qual o papel da cooperação. Cabe agora às escolas continuarem os trabalhos cooperados com vistas a mudar a realidade da escola e dos alunos.

No que se refere ao questionário aplicado aos professores que acompanharam a pesquisa, inclusive as oficinas, é importante algumas considerações.

As duas primeiras perguntas feitas aos professores basicamente foram as mesmas feitas para os alunos, o que é competição e o que é cooperação, para falarem a respeito das mesmas. Todos os professores obviamente souberam responder às duas questões de forma adequada, colocando que cooperação é um processo implícito de união e colaboração entre pessoas para alcançar um objetivo em comum, um processo construído socialmente. Já por competição entendem como sendo um processo de rivalidade, onde classifica pessoas gerando desigualdade social, contudo, segundo o Professor Entrevistado 01: “um tanto quanto insta ao ser humano, desde o seu meio familiar quando há disputa entre pai e mãe no ‘controle’ deste núcleo social”. A análise mencionada aqui vai de encontro ao que afirmamos no trabalho, que o processo competitivo está posto e arraigado no seio das famílias, sendo transmitido de geração em geração.

A pergunta seguinte indaga sobre o que eles entendem por educação do campo. Entre as várias respostas uma se fez comum, a de que a Educação do Campo é uma forma de aprendizado que valoriza a realidade de quem vive e produz no campo. A resposta do Professor Entrevistado 02 chama bastante atenção: “penso que deve ser vista com suas especificidades ao contrário do que normalmente ocorre, uma reprodução do modelo tradicional tecnicista dos grandes centros”.

Desta forma, cabe destacar como a educação do e no campo se apresenta atualmente, a partir das entrevistas ficou evidenciado que nas escolas estudadas prevalece a reprodução do modelo educacional implantado na cidade, há uma descolamento entre a prática real dos currículos e o previsto pelo projeto de educação do campo, que visa fortalecer os vínculos comunitários.

Prosseguindo os professores são perguntados sobre a satisfação deles com a atual sociedade, todos os pesquisados de forma unânime ponderam a sua insatisfação a atual organização social, pois veem que a sociedade capitalista promove miséria para a maioria e riqueza para poucos.

No que diz respeito à satisfação com a organização escolar os professores colocam que está boa, porém, poderia melhorar no que diz respeito à formação de professores que ensinam exclusivamente só de uma forma. Todavia o Professor Entrevistado 03 pondera que a escola: “não é feita para educar para a transformação da sociedade é feita para ensinar a obedecer”. Essa é a realidade posta dentro das escolas do campo, alunos sendo ensinados cotidianamente a obedecer, totalmente em descompasso com as práticas cooperativas, onde prevalece o sentimento de participação e construção mútua.

Quando questionados se já haviam em algum momento de suas aulas abordados o tema “cooperação” todos eles afirmaram que sim, acreditam que esse mecanismo auxilia a tornar-se pessoas melhores.

Todavia, ao questionar se o professor entende como suficiente a formação em sala de aula para a formação integral do sujeito, um dos professores considera que a formação é suficiente para os alunos, tendo em vista seus esforços para que permaneçam e percebam a importância do processo escolar. Já os demais consideram que a formação transmitida em sala de aula não é suficiente para formar sujeitos críticos, pois a escola encontra-se engessada, o que tange às práticas pedagógicas, sendo formados para reproduzir e manter o sistema capitalista, ao contrário da ideologia libertária que permeia a educação.

Também foi perguntado se os professores pudessem mudar algo no exato momento para melhorar o desempenho escolar de seus alunos. Segundo eles conciliaria cada vez mais a teoria com a prática, comprariam mais livros e cobriam compromisso e a valorização do ato de estudar na escola e em casa. Todos os professores afirmaram que notaram diferença em seus alunos após participarem de algum tipo de processo cooperativo, tanto no que se refere à reflexão, participação e ajuda mútua, quanto daqueles que reagiram com estranhamento à atividade, prevalecendo o individualismo.

Ao final foi deixado um espaço em aberto para os professores contribuírem com algo na pesquisa, destacamos aqui uma das respostas: “a cooperação é uma busca ‘metafísica’, a competição uma realidade”. Portanto, para finalizar, apresento aqui uma fala de Eduardo Galeano, ela nos ensina a nunca desistir: “a utopia está lá no horizonte, me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos, caminho dez passos e o horizonte se afasta dez passos. Por mais que eu caminhe, não consigo alcançar. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de

caminhar”. Sendo assim, ressalta-se a importância em buscar mudar o nosso futuro, isso passa pela escola, por mais que pareça difícil e longe, porém, já se sabe por onde devemos começar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre cooperação nas relações humanas na contemporaneidade vêm sendo ampliado, se consolidando de forma mais eficaz no que se diz respeito às estratégias usadas pelos sujeitos envolvidos para criarem um modo alternativo de ensino frente ao modelo capitalista de produção.

É preponderante, e necessário, que se afirme uma forma de ensino no espaço rural que valorize os saberes pessoais e olhe as especificidades do campo e os sujeitos que o compõe, pois os mesmos demonstram várias estratégias de sobreviver no modelo capitalista de produção.

A luta por uma educação que trate os sujeitos que compõem e vivem no campo e não os equipare aos sujeitos que vivem na cidade se faz necessário e essencial, pois ao transmitirmos uma educação “padronizada” pela cidade colocamos em xeque os saberes pessoais dos trabalhadores e filhos de trabalhadores do campo, que se formam com pouca perspectiva de vida de continuar e reproduzir o conjunto de conhecimento do camponês.

Contudo, ao tornar-se latente a necessidade de traçar alternativas pedagógicas na educação, buscando formar os sujeitos em todos os seus âmbitos, para que esse tenha capacidade crítica de intervir no meio em que vive.

Nesta tentativa, o cooperativismo é uma saída para a homogeneidade do sistema. Certamente que quando se trata de cooperação, diante de uma sociedade que traz arraigada e naturalizada na sua estrutura de competição, o enfrentamento à ordem do sistema é explícito. Afinal, em todos os momentos da vida aprende-se a competir e ser o melhor para alcançar determinados objetivos, não se busca cooperar para tentar buscar um objetivo comum.

Nesse sentido, fica evidente que se bombardeia o ser humano nas suas mais diferentes fases de formação com uma carga de valores altamente competitivos.

Contraditoriamente, se construindo de forma antagônica a todos esses estímulos e sentimentos criados por ações competitivas praticadas cotidianamente, os jogos cooperativos surgem para privilegiar a coletividade e a ajuda mútua entre todos os seus participantes. A finalidade das atividades em coletivo é despertar a consciência de cooperação entre todos os envolvidos, desenvolvendo sentimento de solidariedade e empatia entre as pessoas que estão imersas no processo,

colocando-se um no lugar do outro aprendem a ver outros jogadores como parceiros e não como um adversário.

De tal modo, a pesquisa identificou que a partir do momento em que os alunos têm o primeiro contato com cooperação, independentemente da forma com que ela se apresente, os mesmos mudam sua perspectiva sobre os problemas cotidianos. Ainda de forma tímida, percebem que há diferentes formas de solucionarem, ao invés de somente a competição exacerbada, potencializando assim o processo de aprendizagem, tornando-se expressivamente positivos em suas contribuições sociais de forma geral.

Cabe aqui um adendo para evitar interpretações equivocadas, a respeito da análise científica desta pesquisa, no que se refere à construção do processo educacional tal qual como se encontra postulado hoje, certamente o intuito não é desvalorizar o processo, e sim colocar que existem alternativas de ensino que vem a se somar e a contribuir para que as aulas tornem-se mais atrativas e dinâmicas.

Conseqüentemente formem os sujeitos para participarem da realidade e se construam de forma ampla e completa, buscando assim, uma sociedade mais justa, que não seja formada simplesmente para contribuir como mão de obra barata no mercado de trabalho nos grandes centros.

É necessário destacar que o jogo cooperativo é uma estratégia que ainda está se desenvolvendo, crescendo e amadurecendo, portanto, tem ainda apresenta dificuldades de aplicação e realização. Todavia ao criarmos um problema em conjunto despertamos o mesmo desejo pela realização em prol de um objetivo em comum. O cooperativismo não pode ser nivelado como um processo perfeito em meio a uma sociedade historicamente competitiva.

A prática de jogos cooperativos como alternativa metodológica, contribui para a criação de espaços ricos em diálogo e a criação de laços fortes de amizade e companheirismo que podem ser levados para a vida toda. Diante disso rompe-se com o modelo tradicional, o qual segue o mesmo formato do sistema fabril e olha-se com mais carinho o ser humano e o conhecimento, a troca dele e a sua reprodução.

Os estigmas criados pela sociedade capitalista de produção têm o único e exclusivo intuito de manter a organização e o correto funcionamento da acumulação, de tal forma ninguém precisa olhar para ninguém, apenas ser melhor sempre, sendo movido pela falsa sensação de prazeres momentâneos. Nesse sentido, a necessidade de romper com os paradigmas impostos torna-se latente, com

pequenos movimentos avança-se passo a passo para uma sociedade mais igual e crítica.

Desta forma coloca-se que somos somas, dependemos direta e indiretamente um do outro para sobreviver, precisamos aprender a olhar o outro como o outro, como posso eu ser feliz ao ver o meu próximo triste? Ubuntu.

REFERÊNCIAS

ANDRIOLI, Antônio. **Trabalho Coletivo e Educação**, ed. Unijui. Rio Grande do Sul, 2007.

BOETTCHER, Erik. **Kooperation und demokratie in der wirtschaftert. Tuebingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1974.**

BOBBIO, Norberto. **Dicionário De Política**. Brasília: Edunb, 1992.

BROTTO, Fábio Otuzi. **Jogos Cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência**. 4, ed. Palas Athena. São Paulo, 2013.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Atividade Legislativa. art, 205. Da Ordem Social. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_205_.asp > acessado em: 27/03/2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Atividade Legislativa. art, 214. Da Ordem Social. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_05.10.1988/art_214_.asp > acessado em: 27/03/2019.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. In: **Dicionário da Educação do Campo**. Orgs: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. Rio de Janeiro, São Paulo: Ed. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Ed. Expressão Popular, 2012.

Secretaria da Educação. **Instituto Paranaense de Desenvolvimento Educacional – FUNDEPAR**. Colégio Estadual do Campo Agrônomo Hintz comemora 75 anos com reformas. 15/03/2018. Disponível em: <http://www.fundepar.pr.gov.br/2018/03/275/Colegio-Estadual-do-Campo-Agronomo-Hintz-comemora-75-anos-com-reformas.html>. Acessado em 20/06/2018.

Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/Ministério da Educação. MEC, 2013.

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica. MEC, 2013.

ECCO. Idanir, NOGARO. Arnaldo. **A educação em Paulo Freire como processo de humanização**. Formação de professores e complexibilidade e trabalho docente, URI Erechim/RS, 29.10.2015. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18184_7792.pdf>. Acesso em: 15/11/2017

FERNANDES, Josué Corrêa. **Saga da Esperança**. Editora: Sesquicentenário, 2006.

FRANTZ. WALTER. **Educação e cooperação: práticas que se relacionam**1; Sociologias, Porto Alegre, ano 3, nº 6, jul/dez 2001, p. 242-264. Disponível

em:<file:///C:/Users/david/Desktop/Educa%C3%A7%C3%A3o%20para%20coopera%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em 15/11/2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Editora Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação omnilateral**. In: SALETE, R.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (Orgs) Dicionário da educação do campo. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/candido-de-abreu/panorama> > Acessado em: 05/04/2019.

JARGER, Werner. **Paidéia: A formação do Homem Grego**, ed. Martins Fontes. São Paulo, 1995.

MARX, Karl. ENGELS, Friederich. **Manifesto do Partido Comunista**. Coletivo das edições Avante: Lisboa, 1997.

MARX, Karl. Manuscritos Econômico-filosóficos. In: Antunes, Ricardo. **O caracol e a sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MOLINA, Mônica Castagna; FREITAS, Helana Célia de Abreu. **Avanços e desafios na construção da educação do campo**. Em Aberto, Brasília, v. 24, n. 85, p. 17-31, abr. 2011. Anais.... Em Aberto, Brasília, 2011.

MOLINA, Mônica Catagna. Reflexões sobre o protagonismo dos movimentos sociais na construção de políticas públicas de Educação do Campo. In: **(Org.) Educação do Campo e Pesquisa II: questões para reflexão**. Brasília: MDA/MEC, 2010, p. 137- 149.

MOLINA, Mônica Catagna; SÁ, Lais Mourão. Escola do Campo. In: CALDART, Roseli Salet; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Ed. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Ed. Expressão Popular, 2012.

NECOOP. WIX. **Núcleo de Estudos em Cooperação**. disponível em: <https://uffsnecoop.wixsite.com/necoop>.

PINHO, D. B. A. **Doutrina Cooperativa nos Regimes Capitalista e Socialista**. São

Paulo: Pioneira, 1966.

Plano de curso técnico em agropecuária. Casa Familiar Rural, Cândido de Abreu, 2010.

RECH, D. **Cooperativas:** uma alternativa de organização popular. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SIMULA, Pertti. **Transformação das relações humanas cooperação.** São Paulo. Expressão Popular. 2017.

SILVA, Viviane Cardoso da. A educação no campo no brasil: por uma educação para a classe trabalhadora camponesa. In: **4º Encontro Internacional de Política Social e 11º Encontro Nacional de Política Social**, 2016, Vitória/ ES. Anais do 4º Encontro Internacional de Política Social e 11º Encontro Nacional de Política Social. Vitória/ ES, 2016.

SUCHECKI, Tiago. BRANDÃO, David. **Educação, um olhar entre os paradigmas de competição e cooperação.** CONCISA, Pitanga-PR. 2018.

VIRTUOUS, Grupo. **História da educação – período primitivo.** 2008. Disponível em: Acesso em: 22 outubro. 2018.

WESTPHAL, JAYNE. **Colônia Tereza Cristina: Um sonho socialista a beira do Ivaí,** Recanto das Letras, 28.04.2016. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/redacoes/5619319>, acessado em 28/09/2018.

ZITKOSKI, J. J. **Paulo Freire e a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ZENERATTI, F. L. **Cooperativismo e recriação camponesa: contribuições e limites dos modelos de cooperativismo empresarialista e camponês na mesorregião norte central paranaense.** 2018. 267f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2018.

APÊNDICE I



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS**

Atividade de Pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso, Jogos Cooperativos como Alternativa Pedagógica para a Escola do Campo.

Acadêmico: David Willian Brandão
Orientador: Fábio Luiz Zeneratti

Nome: _____
Escola: _____

1- O que você entende por cooperação? explique. _____

2- O que você entende por competição? Explique. _____

3- Você participa de ações e práticas cooperativas em sua escola?
• (...) Não, por quê? _____

• (...) Sim, por quê? _____

4- Como você descreveria a sua escola se ela realizasse a sua prática pedagógica com um viés cooperativista? _____

5- Que vantagens e desvantagens essa proposta alternativa de ensino teria? _____

6- Como seria solucionado os problemas aparentes do cotidiano da escola? _____

7- Atualmente, as atividades desenvolvidas dentro escola, se apresentam de forma

mais cooperativa ou competitiva? Como isso acontece? _____

8- A prática pedagógica da escola que você estuda vincula conteúdos teóricos com práticos? Comente sobre. _____

9- Somos seres humanos influenciados e moldados pelo grupo social que vivemos. Tendo isto em vista diante de problemas que surgem em sua vida no cotidiano, quais são os meios que você utiliza para resolvê-los? _____

10- Alguma disciplina estudada já abordou o tema cooperação? qual? e como foi abordada? _____

11- Com relação as suas perspectivas de futuro, o que você está fazendo para alcançar seus objetivos? e está sendo eficiente tudo o que está fazendo? _____

12- Este espaço foi deixado para você exercer sua criatividade livremente da forma que quiser, com um desenho, um recado, uma sugestão, uma crítica. Deixe aqui algo para acrescentar na nossa pesquisa.

APÊNDICE II



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS**

Atividade de Pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso, Jogos Cooperativos como Alternativa Pedagógica para a Escola do Campo.

Acadêmico: David Willian Brandão
Orientador: Fábio Luiz Zeneratti

Nome: _____
Escola: _____

1- O que você entende por cooperação? explique. _____

2- O que você entende por competição? Explique. _____

3- O que você pensa sobre educação do campo? _____

4- Você está satisfeito com a organização atual da sociedade? Justifique sua resposta. _____

5- Como você vê a organização e o funcionamento atual da escola? bom, ruim? o que poderia ser feito para ser melhor? _____

6- Você já comentou sobre cooperação ou realizou atividades que fomentem a empatia e enalteçam princípios solidários em sala de aula? Comente sobre. _____

7- Tendo em vista que o professor exerce papel preponderante na formação do sujeito de forma com que esse venha interferir na realidade em que vive, você considera suficiente a formação transmitida nas escolas?

- (...) Sim, por quê? _____

-
- (...) Não, por quê? _____
-

8- Se você pudesse mudar algo agora para melhorar a atividade e o desempenho escolar de seus alunos, o que mudaria? _____

9- Você notou alguma diferença nos alunos depois de ter realizado ou participado de algum processo cooperativo?

- (...) Não
- (...) Sim, quais? _____

10- Este espaço foi deixado para você exercer sua criatividade livremente da forma que quiser, com um desenho, um recado, uma sugestão, uma crítica. Deixe aqui algo para acrescentar na nossa pesquisa.